

VOL. II

JUNHO E JULHO DE 1896

N.º 6 E 7

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS



Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1896

SUMMÁRIO

- DUAS CAMPAS DE BRONZE COM INSCRIÇÕES EM VERSOS LEONINOS.
ARCHEOLOGIA DO ALGARVE.
VESTÍGIOS ROMANOS NO VALLE DO MONDEGO E IMMEDIAÇÕES.
AQUIZIÇÕES DO MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS.
PEDRA DO MUSEU CENACULO.
INFORMAÇÕES ARCHEOLOGICAS COLHIDAS NO «DICCIONARIO GEOGRAPHICO» DE CARDOSO.
DUAS LAPIDES FUNERARIAS DE OLISÍPO.
MUSEU DE FARO.
INSCRIÇÃO ROMANA DE MONCORVO.
AINDA A PROPÓSITO DE «ANTA».
NOTÍCIAS VÁRIAS.
INSCRIÇÃO DA EPOCHA VISIGOTHICA.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES DE 1758».
BIBLIOGRAPHIA.
-

Este fasciulo vae illustrado com 5 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

JUNHO E JULHO DE 1898

N.º 6 E 7

Duas campas de bronze com inscripções
em versos leoninos

A. C. Borges de Figueiredo principiou a publicar, no Tomo IV da sua *Revista Archeologica*, uma serie de inscripções em versos leoninos. Esta collecção comprehende apenas doze, e pela morte de seu auctor ficou interrompida, assim como ficou interrompida a *Revista*, que era um interessante repositório de estudos e noticias archeologicas.

Não é nosso intento concluir ou continuar pelos menos essa interessante collecção, e apenas nos limitaremos aqui a inserir duas inscripções d'esta natureza, que merecem especializar-se pela qualidade da materia em que foram gravadas.

As laminas sepulchraes de bronze foram muito vulgares na Idade-Média; e em França, nas Flandres, na Allemanha, ainda hoje se conservam bastantes. Em Portugal, as mais notaveis, pelo seu caracter artistico e ornamental, são as que cobrem, na igreja dos Loyos em Evora, as ossadas de Ruy de Sousa e de sua segunda mulher D. Branca de Vilhena. Esta ultima tem gravada primorosamente a figura de uma dama, retrato talvez da fallecida. Não ha elementos para assegurar que sejam producto da industria nacional, antes é muito de crer que proviessem da Flandres, ou da Allemanha, onde então era o centro mais importante do seu fabrico. O Sr. Guido Lipi, formador da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, reproduziu em gesso estas duas bellas peças artisticas. O nosso illustrado amigo e erudito escriptor Sr. Gabriel Pereira, no opusculo em que descreve as duas campas, diz que ellas são unicas no seu genero em Portugal. Conta-se, porém, pelo menos ainda outra: a de Leça do Balio, de que hoje fallaremos; e de outras, que se perderam ou foram barbaramente destruidas, resta-nos ainda a memoria. Esperança, na *Chronica Seraphica* (tomo II, pag. 151).



diz-nos que João Rodrigues de Sá estava enterrado em Leça da Palmeira, sob uma campa de bronze, e o *Antiquario Conimbricense* refere-se a outra que existia na Sé de Coimbra, sob a qual jazia o cantor D. André João: *sub campana de ere ubi sunt leones et galli figurati*¹.

De outra lapide sepulchral com inscripção de versos leoninos dá noticia Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano*, e d'ella nos passaremos a occupar.

UINO: INAGARNUO: PAQUILIS GUNIS: OPMA XPA
 PATRIIS: DURANDI: GUQUIL: GUA: CONTINAB: ISGA
 PARRABLA: DIGNIIS: QARCADA: VIR: ISBA: BANO NUS
 QIGIS: PACIPICUS: PINO: JUE: PICALIS: JQICUS
 HROO: IPASTI: PRABA: SIBI: GA: SINIA: PINA: UIDARA
 CUNUS: CURA: PUT: GIBI: GOLA: QANBA: PLACARA
 OBIN: A: Q: CCC: XXI X: NOMIS: QUIDI

Possuimos um grosso manuscripto in-folio innumerado, que se intitula: 1721—*Academia Real—Copia de noticias mandadas á Academia Real a Lx.ª da Cidade do Porto por Antonio Cerqueira Pinto, cidadão della, ao Rei.ª P.ª D. Manuel Caetano de Sousa, Clerigo regular da Divina Providencia, Pro Commissario Geral App.ª da Bulla da Cruzada e Academico da mesma Academia Real*, e nelle, logo no começo, se trata da inscripção de Pedro Durando ou Durão, que o *Agiologio* havia reproduzido. Algumas paginas adeante volta com nova informação ao assumpto, rectificando o que dissera anteriormente. Eis o que pondera o investigador portuense:

¹ O *Antiquario Conimbricense*, apud Figueiredo—*Coimbra antiga e moderna*, pag. 130.

«Em hũa noticia que mandey de hum epitaphio da sepultura de Pedro Durando, gravado em lamina de bronze ou cobre, que ainda existe em hũa das paredes do claustro da see desta cidade do Porto com declaração de hua mal clara forma de armas que me lembrava haver visto em pedra que mostrava ser campa da mesma sepultura, declarei não achar noticia individual de que pessoa houvesse sido o dito Pedro Durando, se ecclesiastico ou secular, nem de que familia, e já o mesmo embarço havia encontrado o licenciado Jorge Cardozo na 3.^a tomo dos Agiologios Lusitanos (*sic*), e com effeito nem ha daquelle Pedro Durando mais que a do dito tomo 3.^o dos Agiologios no 7.^o de Mayo a seu comentario a fol. 113.

He porém de advertir que no dito comentario não está fielmente traduzido o referido epitaphio, de que mandey copia pella forma de seus caracteres, que agora repito, e he a seguinte copiada com mais attenção:

VIVAT IN AETERNUM FAMULUS TUUS, O PIE CHRISTE
PETRUS DURANDI, TUMULUS QUEM CONTINET ISTE
PERPETUA DIGNUS MERCEDE VIR ISTE BENIGNUS
MITIS, PACIFICUS, FUT, ATQUE FIDELIS AMICUS
ERGO IHESU PREBE SIBI TE SINE FINE VIDERE,
CUJUS CURA FUT TIBI TOTA MENTE PLACERE
OBITI E. 1329 NONIS MAIJ¹

No dito lugar do Agiologio se acha copiado o 3.^o verso deste epitaphio:

PERPETUUM DIGNUS MERCEDE VIR ISTE PERDIGNUS

A primeira palavra bem podia ser *Perpetuum*, adverbio, porem na realidade he *perpetua*, porque no epitaphio a ultima letra he *A* e não *M*, suposto tenha tres astes, assim porque a plica do meio o individua, como por não ter a forma dos mais *MM* do mesmo epitaphio; a ultima palavra do mesmo verso he *benignus* e não *perdignus* como se copiou no analogio *Inquam* no Agiologio.

Nelle se acha tambem copiado o fim de 4.^o verso *Ego fidelis amicus*, sendo que no epitaphio se lê *atq fidelis amicus*. Está porem

¹ Esta última linha acha-se de outra maneira no fac-símile com que Cerqueira Pinto antecede a sua interpretação:

OBITI E: M: CCC: XXIX: NONIS: MADI

hem copiado o 5.º verso na fôrma seguinte — *Ergo Iesu prabe tibi te sine fine videre*. E na primeira copia que tirey deste epitaphio me enganei na 2.ª palavra deste 5.º verso, lendo por *Ihesu Ihesu*, por parecerem dois *LL*, o que na realidade he *H*, e só assim parece ter cabimento na medição do verso.

Do que dou conta, para que havendo de mencionar-se na historia, possa descrever-se com individual certeza, a cujo effeito com mais atenta reflexão tornei a examinar o referido epitaphio que na lamina está mais junto e griphe, pello que, e ser feito á 432 annos com o poo que nelle assentou pello discurso delles, e consumir o tempo em parte algũa cousa dos caracteres facilmente podia ocasionar-se tanto não copiar-se certo no Agiologio, quanto parecer um *H* dous *LL*. Vay porem agora com individuação do que na realidade he.»

Este epitaphio falta na *Flora Latina*, do Sr. P.º Patricio. O auctor do *Agiologio* verteu-o para portuguez da seguinte maneira:

«O piedoso Christo, vosso seruo Pedro Durão viuia para sempre, o qual está aqui sepultado, varão dignissimo de premio eterno, foi brando e pacifico de coração, a quem eu como fiel amigo leuantei esta sepultura. Portanto Jesu te conceda sempiterna vida, pois puzeste todo o cuidado em amal-o e seruil-o. Morreu E. M. CCCXXIX em as nonas de maio.»

A data do fallecimento equivale a 7 de Maio de 1291.

Jorge Cardoso attribue com algum fundamento a Pedro Durando a fundação de uma certa usança que se praticava na Sé do Porto, e que elle teve occasião de presenciar em 1661. O piedoso legado consistia nesta cerimonia: acabada a última hora canonica sahia da sacristia um sacerdote, com sobrepeliz e estola e nas mãos uma cruz que deixara o legatario, e vinha atrás do cabido que seguia igreja abaixo em procissão. Dois moços do côro conclamavam então: *Boa gente, boa gente, fazei penitencia, se vos quereis salvar. Confessade e commungade que este mundo é vaidade*. Os conegos repetiam, e os moços de côro, prostrando-se, entoavam: *Senhor Jesus Christo, misericordia com piedade*. Igual acompanhamento dos conegos, a que os moços respondiam: *Amen*. Após isto o sacerdote mostrava a cruz ao povo, recolhendo-se á sacristia da mesma fôrma que viera, enquanto os conegos ficavam na igreja cantando a antiphona de Nossa Senhora: *Sub tuum praesidium confugimus*.

Cardoso chegou ainda a ver uma medalha de ouro, commemorativa d'este facto, mas que não revelava o nome do instituidor nem a epocha. Hoje cremos que não existe nenhum exemplar d'esta medalha, nem os nossos numismatas a incluíram nos seus catalogos.

Garrett referiu-se ao singular costume, sem ter conhecimento da noticia historica de Cardoso. O Dr. Theophilo Braga menciona-o no *Manual da historia da litteratura portugueza* (1875, pag. 220). É um dos mais curiosos elementos da historia das tradições religiosas e populares portuguezas.

Da inscripção de Pedro Durão de ha muito que se lhe não sabe o destino.

Outra campa sepulchral de bronze, importante, é a que existe na parede lateral direita da capella de N. Senhora do Rosario, vulgarmente conhecida pelo nome da *Capella do Ferro*, na monumental igreja de Leça do Balio, nas proximidades do Porto, ao lado da estrada que conduz a Braga. Esta campa está fóra do seu logar primitivo, e não cobre, como erradamente asseverou Fr. Lucas de Santa Catharina, o tumulo do Prior Fr. Estevão Vasques Pimentel, varão insigne no seu tempo, pelos seus feitos militares, e pelo zelo religioso e artistico no reedificar do venerando templo. O leitor poderá ler curiosas noticias a seu respeito na importante *Memoria Historica da antiguidade do mosteiro de Leça chamado do Balio*, por Antonio do Carmo Velho de Barbosa, uma das melhores obras que no seu genero possuímos.

D'esta *Memoria* vamos transcrever o letreiro que a lapide contém, com as annotações que lhe addicionou o mesmo Barbosa. O letreiro principia por duas linhas que atravessam toda a campa, occupando depois duas columnas, metade de um lado e metade do outro.

1. ORDINE. BAVTISTE. DIGNVS. PRIOR. EXTITIT. ISTE.
QVY. MANET. IN LAPIDE. TV. SVA. FACTA. VIDE.

1.ª columna

- UIX. POTERIT. NASY. STEPANO. MORIENTE. VALASCY
QVI. JAM. SIT. MELIOR. QVAM. FVIT. IPSE. PRIOR.
5. PIGMENTEL. SCRIPTVS. IN STRIPE. SVA. BENEDITVS.
MORIBVS. ET. VITA. NEMO. FACETVS. ITA.
FORTIS. FORMOSVS. CONSTANS. TERRAS. GENEROSVS.
PRO. MELIORE. TRANSIT. AT. QVE. MARE.
ABSQVE. PRIORATV. BALLYAS. QVMQVE.¹ NUMERA. TU.

¹ Está *quingue*, erro de quem abriu o letreiro, por *quínque*.

10. QVAS. DEDIT. ORDO. SIBI. PAPA. SEDEBAT.¹ IBY.
SVNT. SIMVL. ET GRATIS. SAKTAGO. LECIA. CRATIS.
ET. IRIWS. MEDIVS. FLORIDA. FAYA. PRIVS.
CLERICE. TU. PINTA. PRIOR. EXTITIT. IPSE. TRIGINTA.
ANTE. BONVS. FRATER. TRES. NVMERADO. QVATER.

2.^a columna

15. ECLESIAM. FVNDANS. ISTAM. PERFECIT. HVNDANS.²
ET TVMVLAM.³ POSVIT. HIC. VBL. PLVS. PLACVIT.
VT. DVO. QVOTIDIE. CANTENT. SBV.⁴ HONORE. MARIE.
TOVGVES. CONSOCHS.⁵ IPSE. RELIQVT. HIIS.
REX. SIBI. CONCESSIT. ET. PAPA. MAGISTER. ADHESIT.
20. SI. CONTRA. FVERIT. QVIS. MALEDICTVS. ERIT.
TEMPORE. VIVENDI. COMPLEBAT.⁶ OPVS. MISERENDI.
SITQVE. MISERTVS. EL. FILIVS. IPSE. DEY.
VT. ROSA. FLOS. FLORVM. FVIT. S. PRIOR. ISTE. PRIOR.⁷
CARMEN. IN. TVMVLO. SIT. SIBI. PRO. TITVLO.
25. MIL. TERCENTENIT.⁸ ET. SEPTVA. GINTA. QUATERNIS.
HIC. OBIT. MADIO. MENSE. QVASY. MEDIO.

Velho Barbosa substitue o *e* pelo *u*, nós porém restituímo-lo.

No verso 5 Barbosa leu *stirpe*: nós, servindo-nos de uma photographia, tirada pelo Sr. Guedes, photographo portuense, lemos *stirpe*—troca de letra. No verso 12, a palavra *crics* não é latina e é inintelligível: talvez seja *ricus*: nós lemos *IRIWS*, que nos parece clarissimo. Barbosa não a annotou, e traduziu, talvez por indução historica, *crics medius* por Rio Meio. O uso do *u* é por acaso uma prova da origem estrangeira, flamenga, da lapide. No verso 25 o original tráz *tercentenit*: Barbosa poz um *s* em vez de *c*.

Agora a tradução de Velho de Barbosa:

«Este, que descança nesta sepultura, foi um digno Prior, da Ordem do Baptista: agora conhece quaes foram as suas acções:

¹ Devia ser *accedebat ibi* «consentia nisto».

² Devia ser *abundans*, isto é, «com mão larga».

³ Em lugar de *tumidum*.

⁴ Em lugar de *Seco*. Troca de letra.

⁵ Deve ser *cum sociis*.

⁶ Por *complebat*.

⁷ *Prior*. Está em breve. Pela rima se vê que é *Priorum*.

⁸ Assim está no lettreiro original.

Depois da morte de Estevão Vasques, com difficuldade apparecerá quem seja melhor Prior, do que elle foi. Pela sua familia chamou-se Pimentel, mas pela sua vida e costumes chamou-se Abençoado. Ninguém era mais galhofeiro do que elle, nem tão forte, formoso e constante: tendo em vista o que era melhor. Vinjou por muitas terras e atravessou muitos mares. Sem contar o Priorado, teve cinco Commendas, que a sua Ordem lhe deu, e o Papa n'isso consentio, são as Commendas, a Certan, que foi Commenda de Graça, Leça, Crato, Rio meão, e a flórida Faya, que foi a primeira. Oh! tu que és instruido¹, faz esta conta, elle foi Prior trinta annos, tendo sido antes bom Freire, contando tres vezes quatro.

Fundou esta Igreja, e dotou-a generosamente e poz o seu sepulchro aqui, onde melhor lhe agradou. Determinou que dous capellães cantassem todos os dias missas em honra de Maria Sanctissima: para isto se cumprir, applicou-lhe as rendas da freguesia de Tongues, com as mais pertencas, tendo para isso precedido licença regia, approvação do Papa, e consentimento do Grão Mestre. Seja amaldiçoado de Deus quem se oppozer a esta determinação. Enquanto viveu, desempenhou todas as obras de misericordia; queira tambem o filho de Deus compadecer-se d'elle. Assim como a rosa é a melhor das flores, assim este Prior foi o melhor dos Prioros: sirvam-lhe estes versos de epitaphio. Elle morreu quasi no meio do mez de maio da era de mil trezentos e setenta e quatro.»

Noa numeros 1 e 2 da *Arte Portuguesa*, periodico que se publicou no Porto em 1882, vem o desenho da moldura da lapide, e o de um episodio da parte superior da mesma moldura, *A Annunciação da Virgem*, numa fórma muito original. Estes desenhos são do mallogrado artista Soares dos Reis, que tirou da lapide um modelo em gesso.

Para a leitura da inscripção servimo-nos de uma photographia, que expresssa e obsequiosamente tirou a nosso pedido o distincto photographo portuense o Sr. Guedes. Infelizmente, pelo sitio em que está a lapide, e ainda por outras circumstancias, a photographia, sobretudo pelo que respeita á moldura ornamentada, não sahio tão nitida que a podessemos reproduzir aqui como desejavamos. Resta-nos agradecer a diligencia e pericia que o artista empregou para nos ser agradável.

SOUSA VITERBO.

¹ É assim que Velho Barbosa interpreta a palavra *clerico*, guiado pelo *Elocidario*.

Archeologia do Algarve

Aro de Tavira

Como supplemento illustrativo a parte das judiciosas notas sobre *Balsa*, insertas em o n.º 2 (Fevereiro de 1896) d-*O Archeologo*, envio a copia photographica da mobilia funeraria recentemente exhumada na Quinta das Antas, propriedade do Ex.^{ma} Sr. Mendonça e Mello: é generosa offerta d'este cavalheiro, archivada na sala 2, mostrador B, sob os n.ºs 63 a 65, 72, e mostrador A, em o Museu municipal de Faro, de minha fundação e encargo.

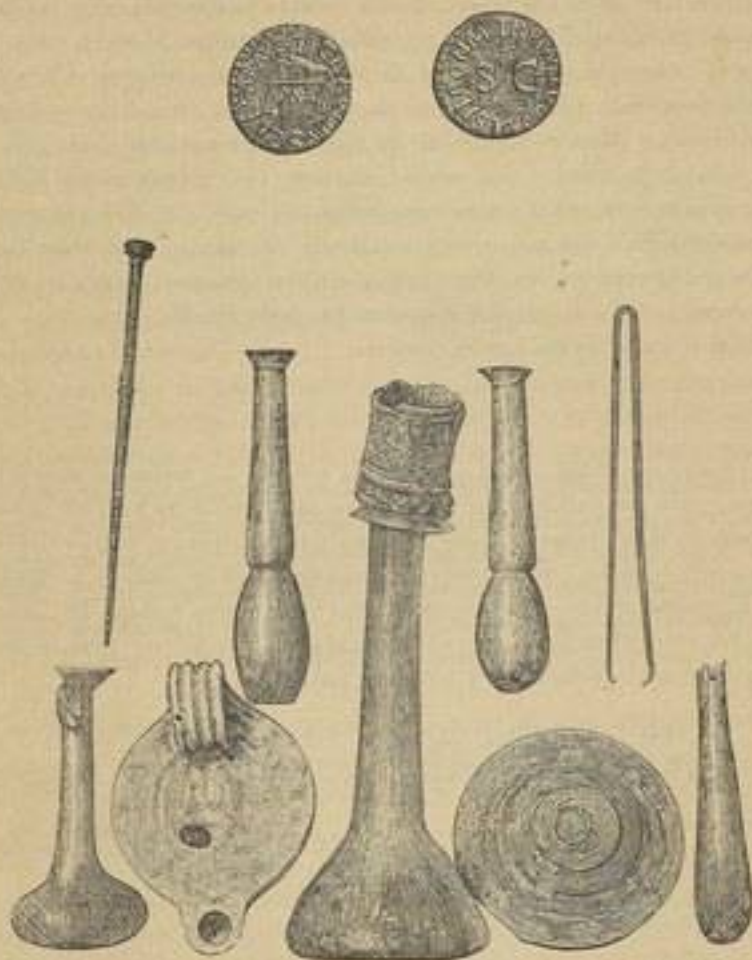
O mobiliario, como se vê, consta do seguinte: de um grupo de vasos lacrimatorios de vidro, todos mais ou menos lindamente irizados, dos typos chamados *ampulla*, *unguentarium*, *alabastrum*; de uma *lucerna* simples em cujo disco parece divisar-se um busto com ornatos pendentes (por ventura, algum *infulatus*?); de um fundo de vasilha de barro amarello, que, pela sua localização, finissima espessura e diminutissima capacidade, antes faz presumir que fosse alfaia lithurgicamente destinada a quaesquer ritos funerarios, do que utensilio votado aos usos grosseiros da culinaria.

Temos ainda os seguintes objectos de bronze: um alfinete de cabello (ornamentado—*acus comatoria*), de si bastante para revelar o toucado d'essas eras de tão primoroso luxo, e uma pinça do mesmo metal (*volsella*), naturalmente peça depilatoria—que já era muito em voga nas damas da mais alta progenie. O denticulado do original parece, á primeira vista, compadecer-se pouco com a applicação que attribuo a este objecto; mas é de notar, que as saliencias da serrilha são perfeitamente ajustaveis ás suas oppostas reintrancias.

Outro argumento accresce para ligar todo este funebre espolio á inhumação de uma mulher de qualidade: é o apparecimento da caixinha de marfim, que, para melhor visibilidade, figura no gargalo da fiola central (provavelmente uma *dactylothecca*, isto é, cofre para aneis; ou caixa para pó de dentes); enfim, objectos de luxo verosimilmente caros á matrona, que nelles buscava uma das fontes do seu asseio e belleza ou efficaz attenuante ás suas naturaes incorrecções.

Na jazida sepulchral appareceu a moeda que encima o desenho—um *Tiberio*, perfeitamente conservado—, pequeno bronze, que nos obriga a referir todo este mobiliario tumular talvez á primeira metade do sec. I de J. C.

É palpavel a conclusão, que de tão pequenas, mas typicas antigualhas, se deduz para a historia de *Balsa*:—ainda neste tempo viviam os povos balsenses em plena epocha de civilização romana; certamente



perpetuada até muito ao deante, como se deve deprehender da existência de sumptuosos capiteis *compositos*, oriundos da mesma procedencia, e archivados na sala 3, n.º 121, 122, 123.

Monsenhor Conego — J. M. PEREIRA BOTO.

Vestígios romanos no valle do Mondego e immediações

Fóra dos castros e da necropole de Ferrestello, que relacionamos com o castro de Santa Olaya, temos colhido bastantes provas archeologicas da industria romana no valle do Mondego, desde o cabo do mesmo nome até S. João do Campo, nas proximidades de Coimbra. Esses vestígios estão pela maior parte colligidos, ou pelo menos assinalados, no Museu Municipal da Figueira; mas como ainda não se fez o catalogo geral d'este estabelecimento, nem é conveniente fazê-lo sem que as collecções sejam installadas nas salas que lhes competem no novo edificio dos paços do concelho, é util dar-lhes já publicidade, para auxiliarem as investigações d'aquelles que porventura se dedicarem ao estudo da epocha luso-romana nesta região.

Tal é o fim d'esta ligeira noticia.

Dentro da cidade da Figueira, em excavações feitas ha bastantes annos, para construcção de um edificio na Ladeira da Lomba, encontraram-se dois denarios, que o dono da propriedade conservou em seu poder e só ha pouco tempo nos mostrou, offerecendo-os ao Museu da Figueira. Sobre estas peças nos enviou o nosso collega Dr. Antonio Alvares Duarte Silva, encarregado da secção de numismatica d'aquelle estabelecimento, a nota seguinte:

I—Da familia Vibia (plebeia):

PANSA. Cabeça laureada de Apollo á direita; e adeante um symbolo.

R. C. (Caius) VIBIVS. C. F. Pallas em quadriga, galopando á direita e levando um trophéo e a lança.

R. Denario commun.

II—De Octavio Augusto:

CAESAR AVGVSTVS. Cabeça nua de Augusto, á direita.

R. OB. CIVIS SERVATOS. Escripção em tres linhas dentro de uma coroa de carvalho.

R. Denario commun.

Para Oeste de Buarcos, no sitio da Emida, sobre a costa do mar, recolheram-se fragmentos de telhas romanas (*imbrex* e *tegula*). Ao

Norte da mesma povoação, na Serra do Cabo Mondego, sítio das Pedras da Bandeira, appareceram restos de telhas, de uma *patera* e de outros vasos de barro fino.

Restos de telhas e de tijolo (*later*) se encontraram no sítio dos Pardinheiros, sobre a vertente septentrional da Serra, nas proximidades de Quiaios.

Para leste de Quiaios, entre esta povoação e a de Cabanas, próximo da estação neolítica do Arneiro, descobriram-se ha poucos annos os alicerces de um pequeno edificio de fôrma rectangular, construida com grandes tijolos, que, pela descripção que nos fizeram, deviam ser romanos.

Ao SE. de Cabanas e da povoação de Brenha, no sítio da Asseiceira, que já pertence á grande estação neolítica da Varzea de Lirio, os fragmentos de telha romana acham-se esparsos pelos terrenos ou empregados em grande quantidade num muro de alvenaria sêcca que alli existe.

Nas Alhadas apparecem um busto romano de pedra, com tamanho natural. A esculptura é grosseira, indicando a decadencia da arte.

Na mesma localidade se encontrou ha annos, soterrada em predio de José Gil, um grande vaso de barro, que, pela descripção do proprietario, devia ser um *dolium*. Foi destruido immediatamente, e os fragmentos lançados para o aterro de um caminho público.

Em Maiorca tem apparecido muitas moedas romanas. Possuimos uma de bronze de Constantino II, á cêrca da qual o Sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva nos enviou a nota seguinte:

CONSTANTINVS IVN. NOB. C. O seu busto laureado á esquerda, com o paludamento e a couraça.

R. PROVIDENTIAE CAESS.

Pequeno bronze commum.

Para o Norte da povoação, em predio do Sr. Dr. Antonio José Duarte Silva, recolhemos á superficie do solo alguns fragmentos de *imbrex* e de *tegula*. Ao Oeste da mesma povoação, no caminho para a Serra de Crastos, existia em uma penedia a seguinte inscripção em caracteres latinos já um pouco apagados:

VNODE

Uma parte do rochedo foi modernamente brocada e rebentada a fogo, e numa face lateral um escopro traçou uma figura geome-

trica. Nós fizemos serrar e transportar a pedra, contendo a inscripção e a figura, para o Museu Municipal.

Seguindo o valle do Mondego para montante, temos na margem esquerda o campo proximo de Revelles, onde foi encontrado a mais de um metro de profundidade a tampa (*operculum*) de um pequeno vaso de barro fino com feição romana. É circular, concava e com uma saliencia no centro para se lhe pegar. Estacio da Veiga colligiu no Algarve peças romanas precisamente iguaes.

Tampas com esta forma foram tambem usadas pelos arabes, segundo os trabalhos do mesmo E. da Veiga; e nós temos encontrado exemplares semelhantes em ruinas de casas que parecem pertencer aproximadamente á epocha de D. João II, e até em panellas grosseiras de barro da actualidade. Em outro lugar mostraremos que esses objectos tambem não são estranhos á grosseira ceramica dos castros.

Na Granja de Olmeiro, em sepulturas feitas com lages brutas, que existem no adro da igreja parochial, a que nos referimos noutro escripto, recolhemos fragmentos de *imbrex* e de *tegula*, e de vasos de barro com feição romana.

Em Formoselha, no sitio da Ademía, propriedade do Sr. José Antonio de Sousa, da Figueira, existem soterrados muitos restos de construcções romanas. Nos amanhos da terra vem á superficie pedaços de telhas e de telhões, e tijolos curtos e espessos com forma ligeiramente trapezoidal. Um exemplar d'estes ultimos, que existe no Museu, mede na altura do trapezio 0^m,18, na largura da base 0^m,21, na do topo 0^m,15 e na espessura 0^m,05. Os telhões attingem a espessura de 0^m,021.

Na margem direita Montemor-o-Velho tambem foi estação romana. A antiga capella de Nossa Senhora do Desterro estava sobre o aterro que cobria um pavimento de mosaico; e os alicerces da capella actual romperam barbaramente este pavimento. Nós estivemos alli quando se tinham aberto as fossas, e pudemos verificar este facto, notando tambem que por de baixo do pavimento existia uma sepultura trapezoidal, feita com lages brutas, igual ás da Granja do Olmeiro.

Esse pavimento pertencia ao rico edificio que occupava uma grande área do terreno contiguo á mesma capella, e que é hoje propriedade particular. O dono contou-nos que, excavando o seu terreno, encontrára paredes solidas de alvenaria, que foi destruindo para empregar os materiaes numa eira e em outras obras — um tanque, provavelmente o *impluvium* do *atrium*, na parte meridional das ruinas pequeninos muros parallelos, feitos com tijolo, entre os quaes existiam tubos de barro cozido, pavimentos muito duros feitos com argamassa

e uma calçada feita com pedrinhas de côres. Esta última attrahiu alli muitos curiosos, que lhe devassavam o predio; e por isso tornou a cobri-la com terra. Não o fez entretanto sem que alguém, mettendo uma folha de ferro por de baixo do mosaico, arrancasse um grande pedaço, que guardou cuidadosamente, e que por sua morte foi parar ao Museu da Figueira, onde conseguimos com muito trabalho dispô-lo em boas condições de conservação. As côres d'este mosaico são a branca, cinzenta, vermelha e amarella; e os cubos (*tessellae*) são de rocha calcarea. As figuras são puramente geometricas.

Contou-nos mais o proprietario que pelo lado de Oeste da capella, onde construiu um muro de vedação e uma casa, encontrára oito sepulturas abobadadas, feitas com tijolo e argamassa de cal e areia, onde os esqueletos tinham os braços estendidos perpendicularmente ao tronco, formando com este uma cruz; circumstancia verdadeiramente notavel, que muito conviria estudar, attendendo ao que geralmente se pensa sobre os primeiros enterramentos christãos.

Destruiu tudo! Os tijollos foram para a construcção da casa, onde vimos alguns na lareira. Até um cranio, em que se achava cravada uma ponta de lança de ferro, foi mettido na alvenaria dos muros!

Obtivemos d'elle cinco typos de tijolos d'estas ruinas, a saber:

— tijolo grande, quadrilongo, medindo no comprimento 0^m,45, na largura 0^m,305 e na espessura 0^m,54;

— tijolo grande, quadrilongo, medindo 0^m,41 no comprimento, 0^m,272 na largura e 0^m,04 na espessura maxima;

— tijolo pequeno, quadrado, medindo nos lados 0^m,17 e 0^m,19, e na maxima espessura 0^m,55;

— tijolo pequeno, quadrilongo, com a largura de 0^m,15 e espessura de 0^m,022. Não achámos exemplar inteiro a que pudessemos medir o verdadeiro comprimento;

— tijolo minuscuro, oblongo, de secção quasi quadrada, medindo no comprimento 0^m,14 e na largura e espessura 0^m,013 por 0^m,046.

O terreno d'estas ruinas apresenta uma grande mancha negra. Tomando um punhado de terra em qualquer ponto nota-se a presença de grande quantidade de carvão e cinzas. A superficie do solo encontram-se fragmentos de telhas, de tijolos e de vasos de barro queimados. Estes factos persuadem que o edificio romano fôra devorado por um incendio.

Abundam os pedaços soltos de *opus signinum*; e nós recolhemos fragmentos de um objecto de bronze completamente oxydado, de um espesso vaso de barro com bordo vertical e asa interna, e de outros vasos diversos incluindo a *putera* e o *dolium*.

Fizemos o que estava ao nosso alcance para emprehendermos a exploração d'estas ruínas; mas não conseguimos uma solução satisfactoria do proprietario. Estamos convencidos de que apesar da grande destruição ainda alli podem colher-se indicações muito interessantes.

Das proximidades de Montemor-o-Velho, antes do monte da Ladeira, obtivemos tambem uma pequena mó de grés com algumas fracturas, medindo no diametro 0^m,49 e na maior espessura 0^m,11, que tambem parece romana. O orificio central tem 0^m,065 de diametro.

Enfim para o Norte e a curta distancia do povoado de S. João do Campo encontrámos fragmentos de telhas romanas.

Taes são os dados archeologicos colligidos até ao presente, que podem servir de guia a futuras explorações.

A. DOS SANTOS ROCHA.

Acquisições do Museu Ethnographico Português

51. Em Dezembro de 1895 adquiriram-se por compra os seguintes objectos que já estão no Museu:

Tres placas prehistoricas, de schisto, ornamentadas;

Dois vasos de barro, tambem prehistoricos.

Estes objectos tem a mesma procedencia que os mencionados sob o n.º 7; quando os comprei, adquirei tambem um documento ms. d'onde consta o local em que todos elles appareceram. Noutra occasião darei mais informações.

52. O Sr. João Manoel da Costa, de Mertola, enviou para o Museu uma *glans* de chumbo (bala de funda, romana), achada na margem esquerda do Guadiana, em frente da dita villa.

53. Em Janeiro de 1896 entraram no Museu os seguintes objectos, adquiridos por compra:

a) uma placa de schisto ornamentada, e dois machados de pedra polida, — tudo da herdade do Barrocal (Evora), onde ha antas;

b) cinco instrumentos de pedra polida, provenientes dos arredores de Evora;

c) parte de uma placa de schisto ornamentada, e uma lampada prehistorica de barro, provenientes da Azaruja (Evora);

d) um machado chato de cobre, vindo de Alentejo;

e) tres vasos antigos de barro, sendo um, ao que parece, prehistorico; outro, ao que parece, romano; outro portuguez: — provindos do districto de Evora;

f) uma caixa do rapé, que tem num dos tampos o retrato de D. João VI, e no outro as bases da Constituição;

g) duas pequenas trempes de barro, achadas em Evora;

h) um polverinho e colhér de chifre muito ornamentados, — trabalhos de pastores alemtejanos.

54. Em Janeiro de 1896 entraram no Museu os seguintes objectos, provenientes do Alemtejo, onde foram fabricados por pastores:

a) uma *pimenteira* de cortiça, ornamentada, — offerecida pelo Sr. Gabriel Pereira;

b) um *tarro* da mesma substancia, — offerecido pelo Sr. Dr. Caetano da Camara Manoel;

c) Dois *cochos* (vasos de beber) da mesma substancia, — offerecidos pelo Sr. Visconde da Esperança.

55. O Sr. Francisco de Mello Cabral e Sousa, das Alcagovas, offereceu para o Museu, onde já deu entrada, a lapide romana mencionada n-*O Archeologo Português*, I, 155.

56. Em Abril de 1896 entraram no Museu os seguintes objectos, provenientes das estações prehistoricas da Serra de Monte-Junto (arredores de Pragança):

a) oito machados de pedra polida;

b) tres rebolos de pedra;

c) uma pequena mó rudimentar;

d) um raspador de sílex;

e) um pingente de calcareo;

f) duas delicadas faquinhas de sílex, e mais de onze fragmentos de outras;

g) tres settas de pedra, sendo uma triangular;

h) dois vasos de barro, um inteiro, outro quasi inteiro; e dez fragmentos de louça ornamentada, sendo todos os desenhos diferentes uns dos outros;

i) quatro verticillos de barro;

j) dois furadores de osso, e mais dois fragmentos de instrumentos da mesma substancia;

k) uma faquinha de cobre ou bronze;

l) uma setta de cobre ou bronze;

m) dez objectos de cobre ou bronze (argolas, hastas, etc.);

n) duas cabeças de pregos, de cobre ou bronze, e um objecto que parece ter feito parte de uma bainha.

A maior parte d'estes objectos foi colligida pelo Sr. Antonio Maria Garcia; outra parte foi obtida em excavações mandadas executar a expensas do Museu.

57. Em Abril de 1896 entraram no Museu dez instrumentos neolithicos (machados) provenientes do extinto concelho de Cadaval.

58. O Sr. Dr. Alfredo Bensaude offereceu ao Museu um machado de pedra polida, achado em Portugal, e um cabo prehistorico feito de ponta de veado, proveniente de um lago suiço.

59. A Companhia do Credito Predial Português, representada pelo seu Governador o Sr. Conselheiro José Luciano de Castro, offereceu ao Museu, onde já estão, duas lapides funerarias da epocha romana, provenientes de Olisipo.—Vid. a este respeito os officios publicados no presente numero, a pag. 166-167.

40. O Sr. P.^e José Augusto Tavares, parócho de Lígares, e collaborador d'*O Archeologo Português*, offereceu ao Museu os seguintes objectos, que já ali deram entrada:

a) uma figura de pedra que representa um quadrupede, do type dos *herões* trasmontanos, mas menor que as figuras de pedra de Murça e da Torre de D. Chama (cfr. *O Arch. Port.*, I, 236-237);

b) sete instrumentos neolithicos;

c) sete moedas de cobre romanas, uma portuguesa, e uma marca de jogo allemã.

41. Veiu da Beira-Alta para o Museu um penedo granitico com esculpturas prehistoricas.

42. O Sr. Manoel Joaquim de Oliveira, de Sintra, offereceu e enviou para o Museu os seguintes objectos:

a) um machado neolithico, provindo do Estoril;

b) quinze machados neolithicos, provindos dos arredores de Sintra;

c) varios objectos artisticos, de calcareo e de osso, encontrados na necropole neolithica do Valle de S. Martinho (Sintra).

J. L. DE V.

Pedra do Museu Cenaculo

Lê-se n-*O Bejense*, de 28 de Maio de 1896:

«Apareceu outra pedra do Museu Cenaculo. Tem esculpido um galeão, e á proa, cortando a mastreação, destaca-se uma cruz latina encimada pela corôa real e junto do braço da cruz em acção de voar, um passaro. D'estas lapides existiam duas em Beja, em tempos: uma



via-se no castello e outra na casa da camara, no largo de Santa Maria, mas nesta casa, hoje propriedade do Sr. conde da Boa Vista, nem vestigios do sitio onde estivesse collocada appareceram quando o nobre titular reconstruiu o predio; no castello, na muralha ao norte, existe parte da moldura. D'estas pedras ha noticia, e affirma-se serem as *Armas de Lisboa*. Não são tal.

Ha differença e grande entre a lapide agora encontrada e o brasão da cidade de Lisboa. O bispo Cenaculo tinha por costume, o que

não lhe desculpamos, arrancar as lapides: arrancou a das portas de Moura — a do *flamen Quinto Petronio*; arrancou a que estava nos degraus do altar-mór de Santa Maria — a do tumulo de *Securus*; arrancou a que estava no rua do Esquivel — a do de *Helaerianus*, etc., etc., e com certeza arrancou o *Galeão* da muralha ou da casa da camara.

O *Galeão* foi encontrado ha dias, nos entulhos do depósito das obras publicas d'este districto, na sé, para onde removeram, em tempo, as lapides do musen do bispo, e foi pelo digno director cedido á camara para o seu musen, do qual o Sr. Serra tem sido um dos principaes collaboradores, pelo que mais uma vez lhe damos louvores e applausos».

Por obsequio do Sr. Umbelino Palma, que propugna sempre desveladamente pelos progressos da archeologia bejense, pôde *O Archeologo Português* publicar aqui uma gravura da referida pedra.

J. L. DE V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

51. De Arcos (Entre-Deuro-e-Minho)

«.....houve nesta Freguesia antigamente hum *castello* chamado de Amorim, de que hoje não ha mais que huma escaça memoria, por alguns confusos vestigios, que ainda hoje existem. Para a parte do Poente ha hum monte a que chamão o Castello da Forniga; e dizem assistirão nelle os Mouros: ainda se vem delle alguns sinaes nas ruinas de varios edificios». (Tomo 1, pag. 525.)

52. De Arcos (Beira)

«Está fundado este Lugar na falda de hum monte muito levantado, a que chamão o Crasto:.....» (Tomo 1, pag. 527.)

53. De Ardaens (Trás-os-Montes)

«Neste districto ha humas lagoas grandes, que dizem ter sido ruinas no tempo dos Romanos». (Tomo 1, pag. 536.)

54. De Arganil (Beira)

«He tradição dos moradores ser fundação dos Romanos, e não ha muitos annos se acharão algumas moedas de ouro, e prata, que provão o intento ha poucos annos, que estava aberta huma cova a que chamavão *da Moura*, a qual penetrava hum monte, e, querendo-se fazer experiencia, se lhe não achou fim para onde caminhar, e ainda hoje permanecem outras covas semelhantes junto a S. Pedro de Folques». (Tomo 1, pag. 555).

55. De Argozello (Trás-os-Montes)

«Perto deste povo se acha hum alto cabeça com mostras de fortaleza, e dizem fora *Castello dos Mouros*, e em partes tem ainda parede de doze palmos». (Tomo 1, pag. 561).

56. De Arnadello (Trás-os-Montes)

« em que ha vestigios de castello de fabrica muito antiga». (Tomo 1, pag. 568).

57. De Arnoya (Entre-Douro-e-Minho)

« Ha nesta Freguesia, sobre hum alto monte, hum *castello*, cuja muralha, pela grande antiguidade, se acha com alguma ruina». (Tomo 1, pags. 576 e 577).

58. De Arrabida (Estremadura)

« o Monte Fermosinho, que fica quasi sobranceiro ao Convento dos Padres Arrabidos, de que logo fallaremos, no qual se tem descoberto em diversos tempos algumas ruínas, de que inferem alguns haver ali hum templo consagrado ao Deos Apollo. Outro templo, dedicado a Neptuno, houve na vertente da mesma serra, onde hoje se vê a fortaleza de Outão; porque, resolvendo o Senhor Rey D. João IV, por conselho de Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, se accrescentassem novas obras aquella fortaleza, abrindo-se os alicesses para os baluartes de terra, se acharão hum pedaço de huma estatua de marmore com alguns versos em louvor de Neptuno. Huma estatua do mesmo Neptuno de metal entre as ruínas de hum edificio, que mostrava ser templo da mesma divindade, entre as quaes havia arquitraves, pedaços de columnas de marmore fino com suas



não lhe desculpamos, arrancar as lapides: arrancou a das portas de Moura — a do *flamen Quinto Petronio*; arrancou a que estava nos degraus do altar-mór de Santa Maria — a do tumulo de *Severus*; arrancou a que estava no rua do Esquivel — a do de *Helarrianus*, etc., etc., e com certeza arrancou o *Galeão* da muralha ou da casa da camara.

O *Galeão* foi encontrado ha dias, nos entulhos do depósito das obras publicas d'este districto, na sé, para onde removeram, em tempo, as lapides do museu do bispo, e foi pelo digno director cedido á camara para o seu museu, do qual o Sr. Serra tem sido um dos principaes collaboradores, pelo que mais uma vez lhe damos louvores e applausos.

Per obsequio do Sr. Umbelino Palma, que propugna sempre desveladamente pelos progressos da archeologia bejense, põde *O Archeologo Português* publicar aqui uma gravura da referida pedra.

J. L. DE V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

51. De Arcos (Entre-Deuro-e-Minho)

«...houve nesta Freguesia antigamente hum *castello* chamado de Amorim, de que hoje não ha mais que huma escassa memoria, por alguns confusos vestigios, que ainda hoje existem. Para a parte do Poente ha hum monte a que chamão o Castello da Formiga; e dizem assistirão nelle os Mouros: ainda se vem delle alguns sinaes nas ruinas de varios edificios». (Tomo 1, pag. 525.)

52. De Arcos (Beira)

«Está fundado este Lugar na falda de hum monte muito levantado, a que chamão o Crasto:....» (Tomo 1, pag. 527.)

53. De Ardãos (Trás-os-Montes)

«Neste districto ha humas lagoas grandes, que dizem ter sido ruinas no tempo dos Romanos». (Tomo 1, pag. 536.)

54. De Arganil (Beira)

«He tradição dos moradores ser fundação dos Romanos, e não ha muitos annos se acharão algumas moedas de ouro, e prata, que provão o intento ha poucos annos, que estava aberta huma cova a que chamavão *da Moura*, a qual penetrava hum monte, e, querendo-se fazer experiencia, se lhe não achou fim para onde caminhar, e ainda hoje permanecem outras covas semelhantes junto a S. Pedro de Folques». (Tomo I, pag. 555).

55. De Argozello (Trás-os-Montes)

«Perto deste povo se acha hum alto cabeça com mostras de fortaleza, e dizem fora *Castello dos Mouros*, e em partes tem ainda parede de doze palmos». (Tomo I, pag. 561).

56. De Arnadello (Trás-os-Montes)

« em que ha vestigios de castello de fabrica muito antiga». (Tomo I, pag. 568).

57. De Arnoya (Entre-Douro-e-Minho)

« Ha nesta Freguesia, sobre hum alto monte, hum *castello*, cuja muralha, pela grande antiguidade, se acha com alguma ruina». (Tomo I, pags. 576 e 577).

58. De Arrabida (Estremadura)

« o Monte Fermosinho, que fica quasi sobranceiro ao Convento dos Padres Arrabidos, de que logo fallaremos, no qual se tem descoberto em diversos tempos algumas ruínas, de que inferem alguns haver ali hum templo consagrado ao Deos Apollo. Outro templo, dedicado a Neptuno, houve na vertente da mesma serra, onde hoje se vê a fortaleza de Ontão; porque, resolvendo o Senhor Rey D. João IV, por conselho de Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, se accrescentassem novas obras aquella fortaleza, abrindo-se os alicesses para os baluartes de terra, se acharão hum pedaço de huma estatua de marmore com alguns versos em louvor de Neptuno. Huma estatua do mesmo Neptuno de metal entre as ruínas de hum edificio, que mostrava ser templo da mesma divindade, entre as quaes havia arquivres, pedaços de columnas de marmore fino com suas



bazes, e algumas pedras com inscripções Latinas, em que se dava aquelle sitio o nome de Promontorio de Neptuno (?). . . . » (Tomo 1, pag. 585).

59. De Atalaya (Beira)

« E para o Nascente, em hum grande oiteiro, se vêm vestígios de uma fortaleza ou castello, que fica desta banda muito levantada, e despenhada sobre a ribeira de Celorico, que de Norte a Sul a vay rodeando ». (Tomo 1, pag. 653).

60. De Ateí ou Atrim (Trás-os-Montes)

« Junto deste (monte) está outro chamado dos Palhaços, para a parte do Nascente, no qual se achão vestígios de grandes edificios, que dizem ser dos Mouros, ou Romanos; e nestas ruínas está hum cava estreita na boca, e tapada com pedras, pela qual se entra em hum estrada falsa, que corre pela imminencia do monte a baixo, a qual vay sahir ao rio Tamega em hum sitio despenhado, aonde chamão o Furaco, o qual se vê somente quando o rio leva menos agua, e tera de comprimento esta estrada legua e meya; e dizem que deitando-se alguns animaes vivos foram sahir ao rio Tamega »¹. (Tomo 1, pag. 656).

61. De Ayamonte (Alentejo)

« Junto a esta Igreja fica hum alto chamado Ayamonte, nome que delle tomou a Freguesia, e dizem ser aqui antigamente habitação de Mouros. . . . » (Tomo 1, pag. 703).

62. De Ayre (Alvega, Estremadura)

« E assim he de saber, que onde hoje chamão Alvega, duas leguas de Abrantes ao Sul, o Tejo de permeyo, ha notaveis ruínas, e vestígios de hum populosa Cidade, pela qual passara a estrada real, que vay para Merida. Teria ella então quatro mil vizinhos, conforme o ambito dos muros, que a cingião, em parte argamassados, como mostrão suas ruínas, hoje esta reduzida a huma Aldea situada em campo plano, cercada de terras. . . . »

Acharão-se ja por vezes em seus contornos alicesses de sumptuosas casas, sepulchros, aqueductos, e canos de chumbo, galarias subterra-

¹ [Isto deve considerar-se como para leuila, pois tenho ouvido contar o mesmo facto a respeito de varios castros. — J. L. de V.]

neas adornadas de coloridas pedrinhas, como dados, à maneira de azulejos, com figuras e porticos de obra mosaica. E não se mete o arado em parte, que não tirem proveito os lavradores, descobrindo alli o tempo em nossos dias quantidade de moedas Romanas, assim de pedra, como de bronze, das quaes algumas nos vierão as mãos.

E ainda hoje estão em pé muitos pilares, sobre que estribava o famoso cano, por onde a agua vinha ter á Cidade, tirada com artificio de huma caudolosa ribeira que lhe ficava perto, não fallando de outra, que vem do alto buscar ao Tejo, na qual se achou no anno de 1659 huma famosa lamina de bronze muldurada, que está em nosso poder, a qual tem de comprimento dous palmos e meyo, e de alto mais de hum, com quatro buracos nos cantos dos pregos com que estava collocada em logar publico. De que consta claramente (sendo que algumas letras estão em parte gastadas) ser aqui a Cidade Aritiense, tão ventilada dos nossos antiquarios.

Como a dita lamina¹ se achou no districto de Alvega, julgamos haver sido aqui esta famosa Cidade, a qual destruirão os barbaros (como outras muitas) quando senhorearão Hespanha, impondo á nova povoação o nome que hoje conserva de Alvega.» (Tomo 1, pag. 704-706).

63. De Ayro (Serra de Entre-Douro-e-Minho)

«No oiteiro eminente á Paroquia de S. Jorge, estão uns penedos, a que chamão os Castellos.

«..... Em hum oiteiro, ou padrao desta serra, conforme a vulgar tradição, houve hum *Castello*, ou Fortaleza em tempos antigos. Hoje se não vê naquelle sitio mais vestigios desta obra que huma planície com circumvalação capaz e accomodada para ella, e cavando-se na terra se descobrem alguns tijolos, e na superficie da terra se está vendo huma pedra lavrada na parte superior ao picão, formando nella hum largo de nove, ou dez palmos em diametro. Ha poucos annos existia tambem no mesmo sitio hum penedo, no qual, em altura de dez ou doze palmos, estava feita ao picão huma concavidade, como meya laranja capaz de receber dentro em si um homem em pé; porem em nenhuma destas pedras se descobrem figuras, letras, ou inscrições antigas, ou modernas. Chama-se a este sitio o Crasto, dando ainda o seu nome alguma noticia da dita Fortaleza.» (Tomo 1, pag. 711 e 712).

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

¹ Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. 22, 172.

Duas lapides funerarias de Olisipo

(Cópia de offícios dirigidos ao Sr. Conselheiro José Luciano de Castro,
Governador da Companhia do Credito Predial Português)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Na sede da Companhia do Credito Predial Português, de que V. Ex.^a é muito digno Governador, acham-se casualmente duas lapides romanas, com inscripções funerarias, já publicadas nos seguintes lugares:

Anuaes da Sociedade Archeologica Lusitana, III, 43;

Portugaliae Inscriptiones Romanae, de Levy Maria Jordão, p.^{as} 438 e 498;

Corpus Inscriptionum Latinarum, da Academia de Berlim, II, n.^{os} 206, 220 e 5219;

Lisboa antiga, de Julio de Castilho, II, 92-93;

Revista Archeologica, de Borges de Figueiredo, I, 5-6.

Como a nossa capital é, relativamente á sua grandeza e antiguidade, bastante pobre de monumentos da epocha romana; e como convinha que aquellas duas lapides estivessem collocadas num Museu do Estado, onde pudessem ser examinadas pelo público, e servissem de ornamento archeologico: tomei a liberdade de solicitar de V. Ex.^a o obsequio de as ceder para o Museu Ethnographico Português, que, alem de ter uma secção muito apropriada para ellas, não possui ainda nenhuma antigualha proveniente da velha Olisipo.

Se V. Ex.^a houvesse por bem acquiescer ao meu pedido, preencheria-se no Museu uma lacuna, e ao mesmo tempo ficava representado nelle o *Municipium Felicitas Julia*.

Deus guarde a V. Ex.^a, Lisboa, 10 de Abril de 1896. — O director do Museu Ethnographico Português, J. L. de V.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Accuso a recepção do officio de V. Ex.^a, de 15 do corrente, em que V. Ex.^a se digna communicar-me que o Conselho da Administração do Credito Predial offereceu ao Museu Ethnographico Português as duas lapides romanas que existiam na sede d'essa Companhia.

Permitta-me V. Ex.^a que, como director do referido Museu, manifeste a V. Ex.^a e ao Ex.^{mo} Conselho o meu sincero agradecimento por tal offerta.

Num dos proximos numeros d'*O Archeologo Português* se publicará uma noticia em que se indique a natureza do serviço que, com tão boa vontade e dedicação, a Companhia do Credito Predial Português acaba de prestar ao Museu Ethnographico.

Por esta occasião rogo a V. Ex.^a o obsequio de me mandar fazer entrega das lapides.

Deus guarde a V. Ex.^a, Lisboa, 16 de Abril de 1896.—O director do Museu Ethnographico Português, *J. L. de V.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Em vista do officio de V. Ex.^a, com data de 20 do corrente, tenho a honra de participar a V. Ex.^a que se acham já neste Museu as duas lapides romanas que lhe foram cedidas pela Companhia de que V. Ex.^a é dignissimo Governador.

Aproveito o ensejo para renovar os meus agradecimentos pela obsequiosa offerta com que o Museu acaba de ser enriquecido.

Deus guarde a V. Ex.^a, Lisboa, 24 de Abril de 1896.—O director do Museu Ethnographico Português, *J. L. de V.*

As duas lapides se allude neste numero d-*O Archeologo*, pag. 160, cap. das *Acquisições do Museu*, § 39.

J. L. DE V.

Museu de Faro

(Cópia do officio)

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Considerando eu que todos os Museus Archeologicos do país, qualquer que seja a sua feição predominante, se devem reputar natural e necessariamente filiados num *Museu Central*, com que entrettenham solidarias relações de vida commun e onde busquem a orientação que hão mister, em ordem ao systematico desenvolvimento dos estudos scientificos que promovem, tenho o grato prazer de comunicar ao *Museu Ethnographico Português*, que a Camara Municipal de Faro deliberou, em sua última sessão de 18 do corrente, declarar, na quinta-feira de cada semana, a franquia pública do *Museu Archeologico Lapidar «Infante D. Henrique»*, de minha fundação e encargo.

Deus guarde a V. Ex.^a—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director do Museu Ethnographico Português.—Secretaria do Museu Archeologico Lapidar «Infante D. Henrique», em Faro, 21 de Junho de 1896.—O conservador, Monsenhor Conego *Joaquim Maria Pereira Botto*, socio honorario da Real Associação dos Archeologos Portuguezes e Architectos Civis.

Inscrição romana de Moncorvo

Em virtude do obsequio do Sr. P.^a Adriano Guerra, de Moncorvo, que me mandou uma photographia d'onde se fez a gravura junta, posso estampar hoje n-*O Archeologo Português* o monumento em que vem a inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. XLIV.

O texto dado no *Corpus* é o seguinte:

IOVI
OPTIMO
MAX
CIVITATI
BANIENS
S · VE · · BAS
.....D

O meu texto differe um pouco, principalmente na 6.^a linha, pois é:

1. IOVI
OPTIMO
MAX
CVITATI
5. BANENS
..L..LNIV
7.D

Linha 1.^a Não offerece nada de particular.

Linha 2.^a O I passa para cima do T, fazendo com este uma cruz.

Linha 3.^a Nada offerece de notavel.

Linha 4.^a O primeiro I está incluído no C.

Linha 5.^a O I é prolongamento da última perna do N. A palavra deve ler-se BANIENSIVM, pois na inscripção da ponte de Alcantara, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 760, apparece mencionado um municipio com o nome de *Banienses*; este nome é o dos habitantes do municipio, e não o da capital, o que se vê de outros mencionados na mesma inscripção, como *Transcudani*, *Lancienses*, *Igaeditani*, etc.; portanto o nome da capital devia ser *Banum* ou *Bania*.

Linha 6.^a Parece que as letras são: ... L... LNIV.

Linha 7.^a Vê-se apenas a última letra da conhecida fórmula D. D., isto é, *Dono Dedit*.

Algumas das letras tem pontos; mas serão estes antigos, pois nem todas o tem?

A transcrição da inscrição, é portanto: *Jovi Optimo Maximo, Civitati Banicens(ium) ... l... lni... [d](ono) d(edit)*.



O monumento foi encontrado em 1845, a 5 kilometros de Moncorvo, no sítio denominado Mesquita. Mede de altura 1^m,5; de largura na base 0^m,55; no centro 0^m,40 de cada lado. Em cima tem uma excavação rectangular de 0^m,15 x 0^m,14, e de 0^m,10 de profundidade. Esta excavação será um *foculus*, vindo então o monumento a ser uma ara, ou será o encaixe de uma estátua, vindo então o monumento a ser mero cippo? Como não vi o monumento, não posso responder.

Em Bobadella, na Beira-Baixa, appareceu uma inscripção, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, 397, em que se lê tambem o dativo *civitati*, que parece indicar dedicatória:

.....
 SPLENDIDISSIMÆ CIVITATI
 IVLIA · MODÆSTA · fLAMINIÆA

Num caderno ms. de apontamentos do fallecido general Pery, caderno que examinei por favor da Ex.^{ma} Familia do mesmo, vem copiada uma pequena dissertação de Manuel de Quiroga Correia Carneiro de Fontoura, antiquario trasmontano já fallecido, a respeito d'esta inscripção, mas nem a versão da inscripção está boa, nem as deducções archeologicas são aproveitaveis: elle suppõe que a cidade mencionada no monumento devia ter a sua séde no local, ou perto, onde este appareceu; mas, sendo BANIENS(*ium*), como parece, o mesmo nome que se lê na inscripção da ponte de Alcantara, não poderá admittir-se tal supposição, pois os *Banicaenses* da inscripção alcantarenses ficavam, segundo lá se diz, na Lusitania, ao passo que o aro de Moncorvo ficava na Tarraconense.

O Sr. General Pery accrescentou á dissertação de Manoel de Quiroga as seguintes noticias:

«O pedestal com inscripção romana, de que trata o artigo antecedente, foi achado nas ruinas de uma capella dedicada a S. Mamede, a uma legoa da villa, sendo mandado collocar por o morgado Francisco Carneiro, homem de bastante erudição e ao favor do qual devo estes apontamentos, no seu quintal dentro da villa.

Encontrou-se o pedestal, em 1845, no angulo interno da direita, á entrada do arco que fazia a da capella-mor d'aquelle pequeno templo, e de baixo d'outras pedras de cantaria que se haviam desmoronado das paredes; mas bem se vê que aquelle não era o seu lugar primitivo; e como as paredes cahiram (á excepção da que fica á esquerda entrando por o arco de que ainda existe um pedaço) devia para alli ter sido impellido pela violencia do desabamento, pois se achou mesmo algum tanto enterrado no entulho, que foi o que infelizmente lhe fez desaparecer as duas linhas que obstem á perfeita

intelligencia da inscripção. Tambem poderia para alli ter sido removido o pedestal, quando se consagrou o templo ao culto catholico.

Da dita capella, não existe de sua primitiva architectura romana mais do que os restos da parede do lado do Norte, fazendo angulo com a do Poente, onde estava o arco ou entrada do templo para a dita capella-mor, e cuja parede (romana) teria ainda dez a doze palmos de altura. O arco que dava entrada para o templo do lado do Poente, era de um lavor primoroso de florões, e em volta d'estes uma tarja de um outro lavor mais meudo, muito bem feito: e assentava em duas meias columnas, das quaes existe ainda uma em pé, com os pedestaes e capiteis da ordem corinthia, de uma grande perfeição. Vê-se com evidencia, que o edificio é de origem romana, que era consagrado a Jupiter, e que depois foi convertido em templo catholico. Parece que os Mouros o converteram em mesquita, porque nalgumas pedras da parede se vêem uma especie de meias luas: alem d'isso a tradição, fez com que o vulgo chamasse áquellas ruínas a «Mesquita». Em torno da capella a diversas distancias, vêem-se várias excavações talhadas nas fragas, que parece terem sido sepulcros dos romanos. Numa das fragas vê-se cavada na mesma, uma figura que parece representar uma cabra de oito ou nove palmos. Ao Norte da capella ha um enorme rochedo, para o qual se sobe por uma larga rampa que parece natural, se bem que nalguns sitios se conhece ainda que alli trabalhou picareta ou outro instrumento; no cimo do dito rochedo, em differentes pontos, se vêem excavações de várias formas. Por todos os arredores da capella, apparecem pedaços de telhas mui grossas, vêem-se pedaços de paredes, bocados de mós de moinhos de mão, e aqui e alli espalhados bocados de cantaria faciada; com especialidade na base do lado do Sul do grande rochedo, se vêem dois montões de cantaria faciada. Tudo isto demonstra que alli houve antigamente grande povoação.

Encontram-se nalgumas casas proximas d'aquelle sitio, e especialmente na estalagem das Silveiras, no cunhal de uma das portas, uma inscripção latina. Perto da ponte do Sabor na margem esquerda, ha um edificio de ordem toscana, sem dúvida templo gentilico, do genero d'aquelles a que os romanos chamavam *aedicula*, que não tinha portas. Por cima da entrada d'este edificio ha uma inscripção de difficil leitura, no meio da qual se divisa um F inverso; d'este modo 7; d'onde se vê, que o lettreiro ou foi feito por algum operario que não sabia escrever, ou é da epocha romana, do tempo de Claudio Cesar; porque o 7 foi uma das lettras que este imperador accrescentou ao alphabeto, como diz Suetonio na sua *Vida*, cap. xli; e foram

usadas por alguns, porém só no tempo do mesmo Claudio, valendo então o *I* por *V* consoante, como dizem os auctores que trataram d'este assumpto.

A architectura d'este pequeno edificio, e tambem a sumptuosidade do templo, convertido em capella de S. Mamede, são uma prova incontestavel de que proximo houve uma importante povoação romana.»

Certamente muitas das afirmações transcritas precisam de rectificação; mas eu não estou no caso de a fazer, pois, conquanto já andasse em tempo por aquelles sitios, não examinei os monumentos de que se trata.

J. L. DE V.

Ainda a proposito de «*anta*»¹

No artigo que escrevi no n.º 25 d-*A Vida Moderna*, de 27 de Fevereiro de 1896, reproduzido n-*O Archeologo Português*, II, 92, a proposito da etymologia da palavra *anta* e de outras questões correlativas, disse eu em resposta a uma nota do Sr. P.* Espanca: «visto que se recorre á glottologia, ou sciencia da linguagem, hão-de respeitar-se-lhe rigorosamente as leis; do contrario anda-se sem methodo».

O Sr. P.* Espanca, voltando ao assumpto no n.º 40 d-*A Vida Moderna*, não respeita as leis glottologicas; por isso eu não estava obrigado a responder-lhe. No entanto respondo-lhe, porque a elle me ligam relações de sympathia pessoal e amizade, e não queria que tomasse o meu silencio por falta de consideração.

De eu ter escripto que podia o Sr. P.* Espanca ter citado *antra*, plural de *antrum*, como origem de *anta* não se conclue que eu, como elle affirma, «não recuse a proveniencia da palavra *anta* como oriunda de *antra*». Nada de sophismas! A questão é meramente scientifica. O que se procura é chegar á verdade. Se eu me julgasse em mau campo, declarava-o lealmente. A palavra *anta* não pôde ter vindo nem de *antrum*, nem de *antra*. Phoneticamente oppõe-se a isso o

¹ Este artigo foi primeiro publicado n-*A Vida Moderna*, de 24 de Junho de 1896.

genio da lingua portuguesa, como mostrei no citado artigo, pois não ha exemplo de cair o *r* nas condições em que elle se encontra em *antrum*, e pelo contrario mantem-se, segundo consta dos factos que apresentei.

Diz o Sr. Espanca que não comprehende como *asellus* venha de *asinerulus*. Nem eu tão pouco! E não sei mesmo a que proposito invoca aqui o *asians*, e muito menos o disparatado *asinerulus*!

Para me provar que o *r* cae, cita-me o Sr. Espanca estas palavras: *arado*, do latim *aratrum*; *proprio* de *proprio*; *rasto* de *castrum*.

Mas eu tinha escripto bem claro: «Era impossivel, digo eu, que *antra* dêsse *anta*: NÃO HAVENDO OUTRO *r* NA PALAVRA, um *r* naquellas condições, isto é, entre consoante e vogal, não cae». Ora, se em cada um dos tres exemplos citados pelo Sr. Espanca entra o *r* duas vezes, e se eu tinha prevenido a objecção por conhecer aquelles exemplos, e os ter já citado em varios trabalhos meus, para que vir á carga com taes exemplos? É por força para enredar a questão! O caso é muito simples: se em *antra*, onde ha uma só liquida, esta caísse, havia de cair em palavras analogas. Não ha mais exemplos; logo não se póde dizer que o *r* caiu em *antra*.

Cita ainda o Sr. Espanca *emplasto*, de *emplastro*. Mas aqui ha uma illusão. O povo diz muito frequentemente *emprasto*, que provém de *emprastro*, onde houve mudança de *pl* em *pr*, como em *pruma* de *pluma*, *pranto* de *plactus*, *praino* do radical de *planus*, *prazer* de *placere*, etc.; e d'aqui a simplificação. *Emplasto* póde ser influencia da fórma erudita *emplastro* sobre *emprasto*. Nada temos aqui analogo a *antra*.

Diz mais: «Num documento do seculo xvi fi já a palavra *pedrestal*, e creio que assim devia ser etymologicamente; mas os proprios technicos lhe supprimem o *r*».

É possivel que alguém no seculo xvi escrevesse *pedrestal*, em vez de *pedestal*, por suppor que a palavra se relacionava com *pedra*. A imaginação tem muito campo. Tambem o Sr. P.^o Espanca suppõe que *anta* nasceu de *antra*! Mas *pedestal* não tem como fórma anterior a palavra *pedrestal*. Em hespanhol diz-se *pedestal*, em francês, *piédestal*, em italiano, *pedestallo*: todas estas palavras tem como origem o latim *pes*, *pedem*, e o ant. alto-allemao *stal*, que significa «posição, assento.» Nada pois ha de commum entre *pedestal* e a nossa *anta*!

Por fim o Sr. P.^o Espanca cita-me a queda do *r* em *lapa*, que, segundo elle, vem de *latebra*; mas, como tal hypothese é absurda, não tenho de a discutir.

Agora pergunto eu: visto que a hypothese de *autra* é contrária ás leis linguisticas, que dúvida tem o Sr. P.^o Espanca em acceitar o latim *antae* como fórma originaria de *anta*? Convém com a glotologia, e convém com o sentido.

J. L. DE V.

Notícias várias

Sepulturas antigas

Lê-se n-*O Bejense* de 26 de Março do corrente:

«Nas excavações a que se anda procedendo no largo do Duque de Beja, encontraram-se terça feira, tres sepulturas de tijolo contendo ossos esmigalhados. Os tijolos das cabeceiras das sepulturas são de um typo que desconheciamos—em fórma de cunha, com os angulos reentrantes. O unico que os cabouqueiros pouparam foi recolhido no museu da camara.»

Lê-se no mesmo jornal, de 2 de Maio de 1896:

«No rocío do Carmo, onde se está procedendo a excavações para extrahir saibro, encontrou-se, á profundidade de 1^m,5, um cemiterio. As sepulturas são construidas de maneira differente de quantas temos visto por estes sitios, e que não são poucas, louvado Deus.

Na rocha, que é branda, abriram valas de 3 metros de altura, 0^m,48 de largura e de 1^m,70 de comprimento e nellas depositaram os cadaveres uns sobre os outros, mas separados por grossos tijollos, com as pontas quebradas, tendo cada um de comprimento 0^m,50. De uma a outra divisoria de tijollo ha de altura 0^m,44 e as cabeceiras das sepulturas ficam ao oriente. Os tijollos entravam em caixas abertas na rocha.

Nas sepulturas apenas se encontrou um vaso de barro vermelho, semelhante ás nossas tijellas de fogo¹, inclinado sobre o rosto do

¹ A figura n.º 5 do artigo «Noticias de algumas estações romanas e arabes do Algarve», publicado no *Arch. Port.*, vol. 1, n.º 12, pag. 332, representa fielmente o vaso.

cadaver. Os ossos é que foi difficil tira-los porque se desfaziam, com o contacto do ar; ainda assim recolheram-se um femur, duas tibias (fragmentadas) e alguns ossos da cabeça. Vasos e ossos foram offerecidos ao museu pelo Sr. Ildefonso José Cruje. Os tijollos já a camara os tinha do mesmo typo e tambem encontrados no rocio do Carmo ha tres annos.

São os que no grupo A da sala Gomes Palma tem o n.º 47.

Lê-se no mesmo jornal, de 9 de Maio de 1896:

«Ao-Pê-da-Cruz, no sitio dos Lagares, onde o nosso amigo o Sr. Manuel Eduardo Condeça está abrindo caboucos para edificações, encontrou-se, á profundidade de quatro metros, um cemitério, sendo as sepulturas abertas na rocha. São rectangulares, e numas, na minoria, toscas lages, e noutras grossos tijollos, encostados em si mesmos e concorrendo de face, a formarem angulo, cobrem os cadaveres. Inquestionavelmente a necropole é continuação da que, ha meses, foi descoberta no quintal do predio do Sr. José Pereira, predio que a estrada da circumvalação divide do que vae construir o Sr. Condeça. Como no Museu ha tijollos e lages do typo encontrado nas sepulturas, não se recolheu nelle exemplar algum. Foram porém depositados ossos. Os cadaveres tinham os pés para o oriente».

J. L. DE V.

Inscrição da epocha wisigothica

Segundo se lê n-*O Bejense*, de 9 de Maio de 1896, appareceu nos alicerces do dormitorio de um convento de Beja uma lapide que contém uma inscripção christã e uma inscripção arabe. Evidentemente a inscripção arabe é posterior, o que mostra que se quis aproveitar para ella uma pedra que já tinha outra inscripção. Infelizmente ambas as inscripções estão mutiladas.

O Sr. José Umbelino Palma teve a bondade de me mandar photographias das duas inscripções. Aqui refiro-me apenas á inscripção wisigothica; da inscripção arabe se tratará noutra occasião.

A estampa aqui junta substitue qualquer descripção.

Quanto ás letras, a julgar tanto da photographia, como da informação particular que me deu o Sr. Palma, vê-se na 1.ª linha DEPOS., que deve interpretar-se por DEPOS(itio), (o P é

aberto); no fim da 2.^a linha võem-se claramente as lettras MNII, e no princípio vê-se parte de DO, o que dá DOMINII. O sentido é, pois: *Sepultura de Dominio*. O nome proprio *Dominus* é conhecido de varios documentos.



Muito semelhante a esta lapide é a que vem figurada nas *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, do Sr. E. Hübner, n.º 11.

A inscripção de Beja pertence, segundo creio, ao sec. VI ou VII.

A lapide é de calcareo. Altura da pedra toda, 0^m,45; largura, 0^m,35. Altura do desenho, 0^m,30; largura, 0^m,22.

Foi recolhida no Museu Municipal de Beja.

J. L. DE V.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

8. Alcaer-do-Sal (Estremadura)

Na capella mór do convento de S. Francisco de Evora jaz D. Fr. Manoel dos Anjos «em honorifica sepultura com o seguinte Epitafio

SEPULTURA DE D. FR. MANOEL DOS ANJOS BIS-
PO DE FEZ, INDIGNO FILHO E PROVINCIAL DES-
TA PROVINCIA DOS ALGARVES. FALESEU EM 28
DE SETEMBRO DE 1634.

(Tomo I, f. 510).

9. Alcaria-Eulva (Alentejo)

Castello de «mouras». — Lendas. — Ruínas de casas

«Ao nigesimo quinto interrogatorio: respondo que esta freguezia não he murada nem praça de armas, porem, no seo districto se achão vestigios de hum castello, no sitio onde chamão os Castellos, em cima de hum rocha sobre a ribeyra de Alualar, em distancia de huma legoa d'este pouso pera a parte do sul; e he tradição que foy de mouros» (Tom. II, fl. 5; Vid. *Informações arch. collidas no «Dicc. Geog.» de Cardoso*, O Arch. Port., I, 157.)

«Ao nigesimo setimo interrogatorio: respondo que não tenho couza memoravel de que dar noticias, só sim que na estrada que uay da villa de Mertola pera a cidade de Beja, pella *Cova-da-molher*, ha tradição tomara este nome por andar naquelle sitio huma molher feita saltiador, e que hum almocreve se detreminara querendo o roubar, e a matara, e enterrara, e então conhecera ser molher; ainda hoje concerna o nome de *Cova-da-molher*.» (Tom. II, fl. 5.)

«Ao decimo terceiro interrogatorio (*da serra*): respondo que me não consta couza digna de memoria, mais que tão sómente proximo ao fim da serra, destes fojos mais pera o nascente, está huma fonte de boa agoa, a que chamão a Fonte de Matafilhos, dizem alguns ser assim deste nome, porque naquelle sitio huma may matara seos filhos — e na Serra Danes desta Alcaria-Ruyua ha forma de cazas demolidas, dizem ser dos Mouros». (Tom. II, fl. 6.)

«Ao duodecimo interrogatorio (*rio*): respondo que por esta freguezia nos confins passa Cobre chamada ribeyra antigamente, he tra-

dição chamar-se o rio Cobrim que he tradição que correrá dias sangue dos Mouros que morrerão na batalha do Serenissimo Rey o Senhor Dom Afonso Henriques no sitio de Sam-Pedro-das-Cabeças, junto a villa de Castro Verde» (Tom. II, fl. 7.)

10. Lapa de Alcherubim (Beira Baixa)

«O rio, que passa junto a esta terra, e freguezia banha e fertiliza os seus campos, chamasse O — Vouga. Nasce de hũa fonte, junto á Lapa memoravel, e conhecida pella milagroza Imagem de N. Senhora, que existe na mesma estancia debaixo de hũa grande pedra, de que procede o mesmo nome, assim para a ditta Imagem, como para o sitio.» (Tom. II, fl. 17.)

11. Alcobaca (Estremadura)

Inscrição latina moderna

...«cuja obra da ditta Igreja (*parochial*) he do tempo do Cardeal Jorge, como se viu de huma inscripção aberta e escripta por detraz da Capella Mor, quando se lhe fez a sua elevada e decente tribuna, dizendo a ditta letra: HOC OPUS EXIMIUM TEMPORE GEORGI FACTUM (Tom. II, fl. 23).

12. Aldela Nova (Trás-os-Montes)

Vestigios de «mouras»

«Tem huma ermida de São João nas Arribas do Douro, hum quarto de Legua do Lugar, no qual sitio se vem ainda vestigios de a lá abitarem os Mouros. (Tom. II, fl. 181).

13. Aldela Velha (Beira Alta)

Vestigios de mouras. — Lugar despovoado pelas formigas, patria do Bandarra

«... do sitio chamado Castello (*do qual se vê a povoação*) e tem este nome este sitio por ser castello, em que os Mouros abitaram quando pessuiram estas terras, e neste tal sitio se vê inda hoje os vestigios da sua abitaçam» (Tom. II, fl. 255).

«No districto desta Freguesia ha hum sitio hoje chamado o Nogueirão, onde se diz, que houvera antigamente hum Lugar, o qual se despovoara, porque erão tantas as formigas, que matavão as

crianças nos berços, e por isso se chama a Despovuada.» *Dict. Geogr.* do P.^o Luiz Cardoso, 1, 236)¹.

«Nesta ultima Aldeya para a parte do poente distante de meyo coarto de legoa esta hum sitio chamado o Nogueyram, mato brigozo que nam porduz mais que castinheyros, carvalhos, . . . ; e dizem os naturaes que neste bosque fora primeyro a Aldeya, e nella naceu Gonçalo Annes Bandarra aquelle Famoço adevinhador de Feturos etc». (Tom. II, fl. 251).

14. Crasto de Aldres (Entre-Deuro-e-Minho)

«Ha hum monte pella parte do Naçente que se chama o Crasto e parte com o monte de Fragozo. Santo André, e Sam Saluador de Palme, e este he limitado. . . » (Tom. II, fl. 270).

15. Alemquer (Estremadura)

Inscripções celtibricas. — Ruínas de uma ponte e de muralhas. — Epitaphio de Damilão de Góes

«De todo o referido, e do mais que havemos dizer, fica claro, e ainda indubitavel que a Ierabrica esteue no mesmo sitio em que hoje está Alanquer. Quanto mais ainda nesta villa no Bairro de Trianna nas escadas de hūas cazas, junto a fonte do mesmo Bairro, está com pouca estimação outra pedra Romana, e he a mesma que traz com outros autores o do *Sant. Marian.*, tom. 2, l. 2, cap. 33, pag. 347. Também na parede da Igreja dos Cadafaes, termo desta villa de Alanquer esta outra sepultura Romana, e he a mesma que Marinh. l. p., L. 31, Cap. 5, pag. 225 traz e naquelle tempo estaua em outro sitio, tão bem neste termo¹. (Tom. II, fl. 314. Vid. *O Arch. Port.*, 1, 157).

«... querendo (a rainha Santa Isabel) passar o Rio defronte do mesmo sitio (igreja de N. S. da Assumpção de Triana) para ir a elle, por não haver ali ponte, mandara lançar nelle hūas cinco pedras para por ellas passar, como passou, atravessando o Rio. Cujas pedras ainda hoje se conservão no mesmo lugar immoveis ás enchentes do Rio, que derruba e desfaz edefícios e nunca pode aballar as taes pedras, que bem mostram a sua antiguidade naquelle sitio. . . (Tom. II, fl. 319).

¹ À cerca de factos analogos, antigos e modernos, vid. Leite de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, III, 77.

² *Memoria do Prior de Santiago*, Paulo Carneiro da Veiga.

«Por bayxo desta villa, nesta freguezia, no sitio chamado antiga-mente *Villa Vedra* e hoje as *Paredes* ha humas grossas muralhas antiquissimas, que hania tradiçam serem principio das de pouoçam que aly se intentara fazer e por isso lhe chamauam *Villa Vedra*: porem dezentulhando se ha poucos annos as ditax muralhas, se uio que por dentro dellas hia uma calhe ou canno com sua adufa no fim, tudo de cantaria bem laurada, que notoriamente mostraua ser con-ducto de agoas, que parece que dahy se encaminhouam para o ede-ficio que hoje he a quinta de Santo André, vulgarmente do Brano que em tempo do Rey Dom Manoel era de Gonçallo Gomes de Aze-nedo, Alcaide Mor desta villa, e de presente a pesue Gregorio Ser-niche de Noronha, Capitam Mor da cidade de Leyria, na qual ainda mostram alguns vestigios de lanor Mozayco, e há poucos annos que della se mudou para outra parte um çipo ou pequena columna re-donda com hum Letreiro em breues de Letra romana bem destinta, o qual trasladou e imprimio o dito Frey Agostinho de Santa Maria no *Mariano*, etc.¹ (Tom. II, fl. 388. Vid. *O Arch. Port.* I, 158).

O Prior de Santa Maria da Varzea, João Martins da Silveira, transcreve o epitaphio de Damião de Goes, existente na capella mor da referida igreja, transcripção que é indubitavelmente inferior á do *Dicc. Geog.*, I, 252. (Tom. II, fl. 395):

DAMIANUS GOEE EQUES
LUSITANUS OLIM FUI,
EUROPAM UNIVERSAM REBUS
AGENDIS PERAGRAVI,
MARTIS VARIOS CASUS,
LABORESQUE SUBIVI,
MUSAE PRINCIPES, DOCTIQUE
VIRI MERITO ME AMARUNT,
MODO ALANOKERCAE²
UBI NATUS SUM, HOC
SEPULCRO CONDOR,
DONEC PULVEREM HUNC
EXCITET DIES ILLA:
OBIIT ANNO SALUTIS
M. D. L. X. (sic).

¹ *Memoria do Prior de São Pedro da Silveira.*

² *Alanokerke*, forma extravagante, forjada talvez por Damião de Goes, que tendo residido por muitos annos em Flandres e provavelmente conhecendo a lin-gua flamenga (a allemã sabemos que não), completou o nome antigo da sua

16. Alfayates, (Beira Alta)

Padrões. — Fragmento de uma inscripção latina. — Igreja com relevos que representam animaes e outras figuras

«... a celebrada Serra das Mezas, aonde estão quatro Byzpos sentados a mesa, cada hum no seo Bizpado, dividindo quatro Linhas superficiaes do centro aos anguloz... de cada Byspo, que são: o da Goarda, Lamego, Cereia e cidade Rodrigo, e pello meio huma Linha divide este Reino do de Castella e há tradição que por padroins esteu esta maravilha patente». (Tom. II, fl. 412.)

Foi esta villa cidade populosa do tempo do Godo,¹ reedificada por Augusto Cezar, Imperador de Roma como se mostra de hum Letreiro gravado em huma pedra que esta ao simo da Praça por asento a porta das casas de Patricio Fernandes e junto ao pelourinho que diz

CIVITAS CAESARIS AUGUSTI IMPERATORIS ROM...²

=estando as mais Letras abolidas.

Mostrão esta antiguidade os vestigios de edificios antigos e calçadas para as estradas de Castella, varias pedras lauradas com letras goticas; na hobreira da porta do forno de Thome Martins na rua da Miziricordia desta villa esta hũa pedra por modo de escudo etc. As casas dos Bexigas junto a Praça tem um sumptuoso portado, etc (Tom. II, fl. 413.)

«Mostra (a igreja da Misericordia) que foi templo de Idoloz dos Godos, porque está cercada por fora de pedras grandez, por modo de cornijas no telhado, firmadas em padroins, em que estão abertas em multo cabeças de cains, Lobos, Touros, mulheres e ontras figuras, que repugnão a modestia catholica, e se conseruão para memoria da antiguidade, a porta principal está da mesma antiguidade com Letras

terra natal de maneira que dõsse Alan-kerke, com a supposta traducção de *templo dos alanos*. Nem os alanos pertenciam a raça germanica (flamengo kerke = all die Kirche, igreja), nem sei em Portugal de nomes germanicos de povoações, a não ser em formas populares derivadas do genitivo latino dos nomes proprios dos germanos, senhores de dominios (villas), ex.: *Atanayūdi* (Tágilde), e talvez *Vimaranici* (Guimarães) e *Redeciadi* (Rêzende), etc.

¹ Note-se que o auctor da memoria considera o periodo gotico anterior ao romano!

² Esta inscripção é certamente falsa.

goticas na hobreira da porta esquerda, no frontespicio tem um oculo maravilhoso». (Tom. II, fl. 419).

«Tem hum Pilourinho primoroso, e de maior altura dos do reino de hũa pedra só». (Tom. II, fl. 448).

17. Alfandega-da-Fé (Trás-os-Montes)

Lenda do tributo de donzellas. — Castello

«Tambem ha tradição, que desta Villa, e seo concelho, sahirão homens a expugnar hum Mouro potentado, que tinha o seu domicilio em um monte, que está a vista da villa de Chacim, fazendo-se no dito sitio insolente com os mouros que o cercão, e o contramuro do Rio Azilro, e Escabroza, que era a entrada do Lugar donde vivia, e desta fortaleza pedia por feudo as Villas circumvizinhas humas tantas donzellas, ao qual os moradores desta Villa, e seo concelho, responderão com as armaz, e unidos com os de Castro Vicente pelejarão com tal valor que, matando o Mouro, e seus sequazes, desassombrarão os Lugares vizinhos.... No lugar em que o Mouro habitava se erigio huma Ermida com o titulo de Nossa Senhora de Balsemão¹.....» (Tom. II, fl. 453.)

«Nesta Villa houve hum castello antigo dos mouros fechado por tres portas e fortes muros de pedra, de que se aproveitarão seus moradores, e ao presente se acha já totalmente desfeito.....» (Tom. II, fl. 455.)

18. Alfacelrão (Extremadura)

Castello com inscrições

«He terra aberta, e para a parte do Poente tem distancia de duzentos passos hum Castello alto, grande, e antigo, que está a maior parte delle por terra, e ao meu parecer foi obra dos Romanos, pellas inscreções que vi nella em pedra que se dedecavão a Senadores Romanos». (Tom. II, fl. 469).

19. Aljubarrota (Extremadura)

Etymologia. — Vestigios romanos. — Inscripção latina moderna apocrypha

«Aljubarrota, que no arabico quer dizer Campina aberta, he huma villa antiquissima, a qual tem seu assento no Bispado de Leyria,

¹ Vid. *Dicc. Geogr.* do Padre Luis Cardoso.

quatro Legoas ao Sul desta cidade, e sem embargo que não ha certeza da sua fundação, poucos annos ha se descobrio junto della huma pedra, da qual já não ha noticia, por onde constava ser a sua fundação do tempo dos Romanos. E em huma sepultura da Igreja Matriz da mesma Villa se descobrio tambem huma moeda de cobre, que denotava ser do tempo do Imperador Claudio; porquanto se divizava nella huma figura, a quem circulava huma inscripção que dizia CLAUDIUS IMPERATOR pelo que manifestamente se vê ser antiquissima esta povoação¹. (Tom. III, fl. 5.)

«Nesta serra (*das Taijas*) está hum arco de cantaria chamado o arco da Memoria, em cujo lugar, *se diz*, que o senhor Rey Dom Afonso Henriques fizera voto de dar á Ordem Cisterciense tudo o que do dito Lugar se avistasse athe ao mar pela occasião da expugnação da villa de Santarem, como consta de hum Padrão que está no mesmo arco com a inscripção seguinte:²

HIC SCALABIM EXPUGNATURUS ALFON-
SUS PRIMUS PORTUGALIAE REX VOTUM VO-
VIT CHRISTO DATURUM SE ORDINI CISTER-
CIENSI CUNCTA, QUAE OCLUS CERNERE PO-
TEST DECURRENTIBUS AQUIS IN MARE, SI
MERITIS DIVI PATRIS BERNARDI FRETUS,
URBEM CAEPISSET QUOD DUM PATER SANC-
TUS SUI, SUORUMQUE ORATIONIBUS OBTINET,
REX PROMISSA ADIMPLET. SURGIT ALCoba-
TIAE REGALE COENOBII, CUJUS PRINCIPA-
TUS HIC IN ORA MARITIMA TERMINUM HA-
BET. GESTA SUNT HAEC OMNIA DO-
MINI M. C. XL. VII. DECIMO TERCIO IDIBUS MAIL

(14., fl. 23.)

«O orago desta Freguezia³ he o Snr. Sam Vicente Martir a qual Freguezia ha duzentos annos que he feita com pouca differença a Igreja aonde agora existe a freguezia; e a que antecedente a esta era Freguezia ficava mais retirada da villa para a mesma parte 300

¹ Vid. *O Arch. Port.* 1, pag. 242.

² Sobre o credito que se deve dar a esta inscripção, leia-se a Diss. II de João Pedro Ribeiro, do habito de S. Pedro, tom. 1 das *Diss. chron. e criticas* p. 54.

³ Memoria do Cura de Sam Vicente de Aljubarrota, Joseph dos Ramos.

passos, pouco mais ou menos, a qual hoje está destruída e nella se mostrava a munta antiguidade desta terra; porque ha tradição que esta Igreja era a Freguezia dos Povos Vezinhos (?) em distancia de quatro Legoas no qual estaua hũ Letreiro sobre o Alto da Porta Principal em que se lião tres Letras sobre elle as quais erão hum —S (sic) hum D— e hum—S, e logo por baixo dezia: *Hic habitant montani Ruciac*; e mais escriptura se continha no dito Letreiro mas só estas são as de que ha memoria; por pouca cautella dos antigos que tirarão esta pedra e a forão colocar com pouco resguardo a Porta da Cappella de Sam João Baptista aonde se teem quebrado, e se não podem já ler mais do que estas, ainda que se sabe pellos velhos que hum Provedor da Comarca do Leyria viera tirar este Letreiro quando milhor se podia ler. Alguns querem entender que este Templo era tão antigo que ainda fora consagrado a Diana, intendendo estas tres Letras, e o mais pella Construcção: *Sacrum Dianae sicut Montanii Ruciac*: intendendo ser gente da Rucia, que para estas partes tinha passado; o que poderia ser antes ou em tempo dos suevos que nestas terras como dis o Epítome de Faria habitarão com outras muntas Nações,¹ que pellas muntas contendas que tinham entre si perdião e tornavão a ganhar muntas destas terras, ora hũas ora outras²; mas pellas vezitas desta Freguezia da era de 1593, em que esta Igreja estava quasi destruída, porque se conservava só hũa Irmida já muito desbaratada que era a Capella mor desta Igreja, Consta que era sagrada pello que o vizitador daquelle tempo mandou que se tenha reparada, mas com a continuacão dos tempos e poucas rendas se veyo de toda aruinar como esta conservando só os vestígios com hum grande simiterio cheyo de muntas sepulturas com pedras brancas levantadas cabeceiras com as insignias dos officios de cada hum, ainda que estas hoje estão quebradas, mas ainda se dizia em muntas os signaes». (Tom. III, fl. 32,) cfr. n.º 23.)

«Esta terra não tem privilegios, consta ser munto antiga pella fama, e pello que se colhe do Letreiro do templo... e parece ser já munto habitada no tempo dos Romanos porque se tem achado algũa

¹ Effectivamente suppõe-se que os alanos pertencião á raça slava, que povoam actualmente a maior parte da Russia, que é uma denominação moderna, mas d'aquí chegar ao acima mencionado vae grande distancia. A esta mesma preocupação do povo alano devemos a falsa etymologia de Alemquer (Alano-Kerke).

² Do que fica dito só é verdadeira a leitura *montani*, segundo se lê da cópia tirada anteriormente e que se encontra colleccionada no *Corp. Inscr. Lat.*, n.º 355.

moeda em as sepulturas as quais mostravão ser do Emperador Claudio; e também porque alguns Edifícios que ha nella mais antigos mostra na sua firmeza e formalidade ser obra muito antiga...» (Tom. III, fl. 40).

20. Almendra (Beira)

«Castello de Calabre»

«No seu territorio, e na Eminencia de hum monte junto ao Douro, se acham os vestigios de hũa povoação murada, que se diz ser a antiquissima Cidade de Calabria, edeficada pellos Cartiginezes, hoje se chama o Castello de Calabre: e consta pellos concilios Provinciaes ter também sido Capital de hum Bispado hoje está absolutamente dezerto; e só se lhe conhece o licoerco dos muros, porque tudo o mais = *Durum sensit aratrum*.

Desta Cidade dizem ser natural Santo Apolinario, martir, que floreceu no segundo seculo da Igreja, e padeceu no tempo de Trajano; achase o seu sepulcro em hũa Capella de boa arquitetura, no Lugar de Urros na provincia de Tras-os-Montes...» (Tom. III, fl. 94).

21. Almofala (Beira)

Ruínas da cidade de Combadião pertencente aos mouros

«A ermida de S.^{to} André, que lhe fica em distancia de meya legoa, entre o Norte e Nascente; esta Ermida he de fabrica antiquissima e situada em alto que domina o rio Agueda; e della dizem por tradição somente ser Igreja dos Templarios: junto a ella se descobrem muitos Licoercoes de cazas, e parodes arruinadas; e por isso dizem haver sido aly a cidade de Combadião, habitada de Mouros, e não consta o tempo, nem por quem fosse arruinada aquella cidade, se he que o foi. O *Anno Historico Portuguez* faz menção della». (Tom. III, fl. 111).

22. Almoester (Extremadura)

Etymologia. — Inscriptão latina moderna e outra portugueza. — Vestigios romanos e godos. — Gruta

«Almoester, nome que denota ser Arabigo, he todavia povoação mais antiga, e mais Christã, do que o seu nome;¹ porque de varios

¹ O nome é contudo bem christão, ou pôde ser tomado nesta idéa; a fôrma archaica é Almoester que significa o «mosteiro», representando al o artigo arabe, e sendo moester = monasterii (moesteiro, mosteiro): cfr. Leite de Vasconcellos in *Revue Hispanique*, n. 118.

monumentos, e cippos se manifesta que já existia no tempo dos Romanos, e que permanecia com Christandade no dos Godos». (Tom. III, fl. 119).

«Foi a dita fundadora (do mosteiro) D. Beringueira Aires, dama da Rainha S.^{ta} Izabel. . . . com tradição de que se conserva incorrupta no seu tumulo, que está na Igreja daquelle mosteiro, não na Capella de S. João Evangelista, em que se mandou sepultar, mas na de S. João Baptista, atraz do retabulo desta e na parede entre hũa e outra sobre hum cenotaphio fingido de cal à face da mesma parede, esta o seu epitaphio primitivo em Letra gothica aberta em hũa pedra quadrada e he o seguinte:

HIC JACET DNA BERENGARIA UXOR QUONDAM DNI RODERICI GARCIAE QUAE FECIT ISTUD MONASTE- | RIUM, ET LEGAVIT OMNIA, QUAE HABUIT; SPECIALITER LESIRAM SUAM DE AZAM BUGIA: SUB CONDITI- | ONE QUOD DONNAE TENEANT UNUM CAPELLANUM PERPETUE PRO ANIMA IPSIUS, ET VIRI SUI; ET | HABENT HABERE IN DIE BEATAE VIRGINIS DE RESIDUO UNAM PITANCIAM: OBIT AUTEM IN HABITU | CISTERCIENSI IN DIE BEATI ANDREAE. ERA M. CCC. XLVIII: CUJUS ANIMA REQUIES- CAT IN PACE | AMEN: MENSE FEBRUARII.

(Id., p. 120).

« de que ha illustres memorias e epitaphios, e alli acabou a famosa Pelicana, Violante Gomez, mãe do infeliz Rei ou Pseudo Rei D. Antonio, cuja sepultura diz:

AQUI JAZ A S.^{ta} VIOLANTE

e nada mais tem o epitaphio. . . . Nelle (*mosteiro*) ha hum precioso monumento da antiguidade e christandade daquelle povoação ou de algũa dentro daquelle Couto, de que não ha noticia, mas muitos vestigios em ruinas nobres, de que se dará mais individual noticia nas memorias que agora não se puderão concluir: he hũa cruz de chrystal finissimo de figura pouco differente da que tem agora os Romanos, cuja medida e copia se mandou ha poucos annos a quem em Lisboa tinha a provincia de escrever o Supplemento ao Livro, que sahio destas noticias, que agora se pedem novamente, e tornará a hir nas ditas memorias. Não ha assento de quando foi achado, mas tradição constante de que a achara com o arado hum Laurador junto a este Lugar, e bem parece ser do tempo dos Godos: atranessaa por dentro em cruz hum varão de ferro que sustenta unidas 4. peças de que se

compoem: o de mais se dirá de outra vez. He provavel se acharia em hum sitio chamado hoje a *Fonte-da-Moura* que esta referto de fragmentos de varias pedras lauradas, e de ruinas de edificios grandes, Igreja, e de Cippos Romanos, e colonias (*columnas*) que tem desfeito a rudeza daquelles povos, e do que permanece se dará depois noticia¹. (Tom. III, fl. 121.)

«A Paroquia está fora de Almoester meio 4.º de Legua. O seu Orago he S. Maria, Imagem da Senhora com o Menino no collo. Diz a tradição que fora antigamente achada perto dalli em hũa brenha ou penhasco onde no caminho de Almoester para alli está hũa boa fonte com bica moderna, e que por isto lhe chamão *Fonte Santa* de que tem que cura as sezões, o que não he certo, mas que tem esta fé os que padecem por dezejarem agua». (Tom. III, fl. 124.)

23. Alqueidão (Extremadura)

Galerias subterraneas. — Ossadas. — Thezouro de moedas. — Lapas

«Quase por todas as partes deste vale toa o chão, quando se anda ou bate, a vão dando mostras de haverem muitas concavidades, como abobedas, e algumas vezes se tem aberto alguns algares ou aberturas fundas, mas piquenas porque sem duvida os pedregulhos subterrados não dão logar a mais e facilmente se tapão². (Tom. III, fl. 196).

«Pela parte de fora da Igreja (*N. S. da Conceição ou da Serra*) se achão algũas pedras como que servirão de campas lavradas ja com rocas, e fuxos, e já com arados e instrumentos de agricultura». (Tom. III, fl. 197, efr. n.º 19. Em Julho de 1896 noticiou *O Seculo* o apparecimento junto á igreja de Amiaes de pedras identicas).

«No sitio chamado *Papagallinha*, limite do Lugar do Alqueidão, constame por pessoas fidedignas que andando hum homem a arrancar pedra descobrio hũa Lagem grande e cavando mais, e levantando a de hũa parte vio hũa ossada de homem de que atemorizado fogio para o Lugar, e vindo mais gente com elle se achou ser hũa sepultura do comprimento de onze palmos e meyo de craveira, feita toda

¹ Vid. *O Arch. Port.* II, fl. 21.

² No extracto das *Lapas* se dará noticia mais circumstanciada das galerias subterraneas existentes naquella freguezia que fica a pouco mais de meia legua de Alqueidão. Vide *O Arch. Port.* I, 112. O Sr. Visconde de Sanches de Frias publicou recentemente no seu trabalho sobre *Pombeiro-da-Beira* algumas noticias curiosas sobre galerias subterraneas alli chamadas os *Furados*. Devem ser de origem relativamente moderna, assim como as das *Lapas*.

de Lagens sem mais perfeição que de picão, unida com cal e areia, mais estreita da cintura para baixo e para cima mais Larga. O esqueleto occupava toda a sepultura, os ossos todos em seo lugar, mas descarnados de todo, muito grossos com proporção ao comprimento. Os rapazes e gente rustica despedaçarão logo tudo. Não me consta que se lhe achasse nem moeda, nem medalha, nem a campã tivesse Letras, por onde se podesse descobrir maior noticia. Por cima estava mato muito antigo». (Tom. III, fl. 200).

«Tem fama (a serra de Ayre) de haver thesouros dos Mouros, por cuja razão alguns ambiciosos por varias vezes tem hido cavar, e dis se que alguns acharão como pregos de ouro, porem não consta ao certo. Na frontaria do logar de Pedrogão estão na serra duas Lapas subterraneas hũa chamada a *Lapa-da-Mocdeira*, hẽ como hũa enza alta, comprida, e larga, aonde no fim estã hũa pedra como altar. Aquí nesta Lapa forão dous homens cavar com o sentido em thesouro, e de baixo de hũa Lagem depois de cavarem acharão muitos ossos, e muito grandes. A outra Lapa chamada a *Lapa-Tacanha* he mais piquena e de peor entrada». (Tom. III, fl. 201).

«... dizer o vulgo destas terras que sempre ouvirão contar que D. João de Castro, que foy cazado com D. Archangela viẽra em outro tempo da sua quinta do Paul, onde fazia tabaco, como para lugar mais occulto fazello em hũa grande Lapa que estã em *Val-de-Cabrão* no alto da serra: porem como não tenho mais noticia, tenho isto por couza do pouco credito. (Tom. III, fl. 202).

24. Gruta de Alvares (Extremadura)

«Não ha mais Imagens no sitio desta villa que a do Mosteiro, que a tem, se dis, e estã na ponta de hũ braço de Alvellos, perto da ribeira de Oleyros, e na serra da Garaduna sobre Castello-Novo, estã a devotissima imagem de Nossa Snr.^a da Serra metida em huma gruta de huma penha com recetaculo de mais de 80 pessoas, he muito frequentada de Romeyros no veram, principalmente em setembro». (Tom. III, fl. 308).

25. Alvega (Extremadura)

Vestigios romanos

«Não tem privilegio algum; antiguidades, ou couzas dignas de memoria que ha, sã que antiguamente fora chamada esta freguezia de

Alvega a cidade de Euricio, como querem alguns, outros dizem que fora chamada a Cidade da Celauco, porque tomou o nome do sobredito Martir, que na mesma padecce, e que foi habitada de mais de cinco mil vizinhos e que por meyo della hia o caminho para a e que disto se vem ainda muitos vestigios, tambem serem ainda hũas pilares feitas de pedra e cal que tem ainda, estando demolidos, mais de quarenta palmos de altura, obra de grande custo por onde passava emcanada sobre hum grande brago do Rio Tejo a agua de hũa ribeira chamada a Lampreia, para regar hũa Lezírea ou campo, que no tempo do Inverno se ve circumdado do mesmo Tejo. Tem se descoberto muitas sepulturas, em que se acharão ossos e muitos candieiros de barro mas não se ve, nem se acha a pedra da Cidade, nem se sabe em que se consumisse, julgasse que toda a Cidade fora feita de adobes e ladrilhos porque disto esta o campo cheyo, excepto os alicerces porque estes forão feitos de pedra e cal, como se está ainda hoje vendo. As casas todas herão pequenas e em hũa grande que se vio se acharão muitos instrumentos de ferro, com os quaes laurauão e pulião humas pedras de varias cores de grandeza e tamanho de dados, em tanta copia que se podião medir muitos moios, e destas fazião os habitantes vistosos embrexados¹, como se tem visto. Foi tão grande a Cidade que chegou a outra parte do Rio Tejo: estas são as memorias que ha». (Tom. III, fl. 315.)

26. Padrão de Alvellos (Entre-Douro-e-Minho)

«Finalmente na extremidade desta Parochia pera a parte do Norte, junto da Estrada Rial que a atravessa desde o Norte ao Sul, de Barcellos pera Lisboa se acha para a parte do Poente da dita Estrada forca em signal da jurisdição alta da Villa Barcellos, que antigamente exercitavão os seus Donatarios, e bem defronte pera a parte do Nascente se acha hum Padrão de pedra quadrada muito antiga com hũa crux em cima com duas Imagens de Christo crucificado hũa olhando para o Norte outra olhando para o Sul, costas com costas. E na haste do Padrão que he muito mais Larga que a da Crux, estão esculpidos de meyo relevo; de hũa parte a figura de hum peregrino, e por cima um gallo, e da outra parte esta a figura de hum enforcado e por cima hum Seraphim, tudo feito muito toscamente. Não pude averiguar com

certeza, nem a origem nem o motivo porque se pos ali o dito Padrião, posto que ouvi algũas tradições que me parecerão historias de velhas a que não dou credito». (Tom. III, fl. 322).

27. Alvito (Alentejo)

Etymologia popular. — Inscripção christã

«Na praça desta villa ao pé do Castello e palacio tem huma grutta que tem a modo de hum portado, e com as suas aguas moem nove moinhos, e se regam doze ou quatorze hortas. A esta grutta, e principio desta fonte, que recolheo fugido hum Toiro, o qual por ser muito branco lhe chamarão *Alvito*¹, outros dizem, que achado pelos que o buscavão gritarão *Alvitre, cá está o Toiro*, na entrada desta grutta se achava huma Aranha, a qual era de extraordinaria grandeza em forma, que fazia difficulzoza a entrada para tirarem o toiro, e daqui vem o serem as armas desta villa hum Toiro com huma Aranha, mas tudo isto não tem mais certeza que huma simplex tradição». (Tom. III, fl. 368).

«Na praça desta villa está hum arco que vay para o Rocío e campo sobre o qual está hum nincho (*sic*) em que algum dia esteve huma Imagem de S. Roque, por cujo motivo ainda hoje se chama o Arco de S. Roque, nas costas deste nincho está huma pedra, que foy campa de hum servo de Deus, pois tem hum Letreiro e epitafio seguinte:²

A ✠ Ω
TAYMASI
VS FAMVL. ▲
VIXIT ANN L. III
REQUIEVIT IN PAC.
CRISTI ▲
XVIII MARTIAS
ERA DC

(Id. II, 370).

¹ *Alvito* é nome proprio germanico; tambem se escrevia *Aloito*. É possível, porém, que não haja relação entre estes dois nomes. Relação entre *r* e *o* encontramos-a ainda em *Geloira* e *Gelvira* (Elvira); ainda ha mais exemplos. [Sendo o etymo de *Alvito* o que o Sr. Azevedo propõe, explicava-se *Alvite* (na Beira-Alta) pelo genetivo *Alviti*. — J. L. DE V.]

² Por lapso n-*O Arch. Port.*, 1, 317, no artigo *Alvito* attribuiu-se esta villa ao *Entre-Douro-e-Minho* devendo te-lo sido ao *Alentejo*.

28. Alvor (Algarve)

Inscrição portuguesa

«Comprovasse o terem havido homens bons nesta villa, pelo Numero grande de Campas que ha nesta Igreja com Lettreiros, antre as quais está huma de desmarcada grandeza, com um Letreyro que diz assim

AQUI JAS O

GRANDE ALVARO DE ATHAYDE, PAY DE TRISTÃO DE ATHAYDE

porem não se sabe quem foçem estes homens, nem de que familias prosedem¹, e menos as mais sepulturas, pello que se supõem muyto antigñas». (Tom. III, fl. 384).

29. Alvorge (Extremadura)

Torre do Tempo de Trajano

«Este Lugar não he murado, nem he Praça de armas. Junto ao Lugar está a Torre-da-Ladeia que está na Quinta, em pouca distancia da qual, nasce a mencionada fonte. Os Romanos² no tempo de Trajano fizerão esta Torre e Casa forte para defeza da fonte... Esta Torre principal tinha no tempo de Pedro de Figueiredo da Guerra tres andares e pela demasiada altura se reduzio a somente dois que ainda existem, com quatro Piramides nos Cantos e o resto da fortaleza a deixou ficar em hum só sobrado fazendo-lhe galaria e ornandoa com a varanda na Entrada..... está de posse della Pedro José de Salazar Jordão da Cunha de Eça de Sousa de Azambuja, senhor da casa de Salazar». (Tom. III, fl. 406).

30. Aluviada (Entre-Deuro-e-Minho)

Crença popular

«... tem este dito rio de Ovelha coatro pontes de pedra a saber: a ponte de Larim, a ponte de Ovelha, a do Arco, e a da Aluviada

¹ Tornaram-se notaveis estes dois homens no sec. XVI na guerra d'Africa e na India.

² Será talvez difficil provar.

e logo abaixo desta se mete o dito rio no rio Tamega passando todas as suas agoas por baixo de hũa profunda concavidade de Penedos em tal forma que por baixo delles corre o dito rio sem se ver em distancia de quatrocentos passos e por esta razão o vulgarismo entrou a difamar o tal sitio da ponte da Aluviada por sitio vexado do Demonio¹, em tanta forma, que por todo o reino he noticia bem vaga, o que não consta a seus vezinhos, que em tempo algũ se vio nada naquelle sitio». (Tom. III, fl. 415).

31. Santo Amador (Alentejo)

Fragmento de inscripção romana

«... tambem á porta da Igreja da parte de fora está huma pedra quadrada que mostra ter principio de columna, que dizem viera de hum sitio que se acha dentro desta freguezia a que chamão o Villar da Poupanna junto á Vaz do Paraizo donde se tem descuberto alguns edificios que parece ter sido convento dista o dito sitio, chamado Villar da Poupanna desta Igreja meya Legoa dentro da mesma freguezia e fica da Igreja para a parte do poente, tem a ditta pedra que bem si conhecem, sinco Letras grandes que dizem o seguinte LULUS». (Tom. III, fl. 420).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

REVISTA DE GUIMARÃES, vol. XIII, n.º 1, Janeiro de 1896.

No campo da archeologia contém o seguinte: *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, por F. Martins Sarmiento (noticia das antiguidades pre-romanas e romanas da cidade de Guimarães e seus arredores). No da numismatica: *Catalogo das moedas e medalhas portuguezas da Sociedade Martins-Sarmiento*, por Freitas Costa (medalhas do tempo de D. Luis).

J. L. DE V.

¹ Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, pag. 312; e Severiano Monteiro, in *Revista Lusitana*, IV, 87.

AVISO

Pedimos a todos os assignantes em divida a finesa de mandarem satisfazer, com a possivel brevidade, as suas assignaturas, em carta registada ou em vale de correio, a fim de não soffrerem interrupção na remessa dos numeros seguintes.

Lembramos que toda a correspondencia nesse sentido deve ser dirigida, não ao redactor d'esta revista, mas a **J. A. Dias Coelho, Imprensa Nacional.**

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno	18500 réis.
Semestre	750 "
Numero avulso.....	160 "

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.